

ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

IVAN JORGE DOS SANTOS LUNA

ACONSELHAMENTO PASTORAL COM MULHERES SEPARADAS:
TECENDO UMA REDE DE APOIO

São Leopoldo

2010

IVAN JORGE DOS SANTOS LUNA

ACONSELHAMENTO PASTORAL COM MULHERES SEPARADAS:
TECENDO UMA REDE DE APOIO

Trabalho Final de
Mestrado Profissional
Para obtenção do grau de
Mestre em Teologia
Escola Superior de Teologia
Programa de Pós-Graduação.
Linha de Pesquisa: Aconselhamento
Pastoral

Orientador: Nelson Kilpp

Segundo Avaliador: Lothar Carlos Hoch

São Leopoldo

2010

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

L961a Luna, Ivan Jorge dos Santos
Aconselhamento pastoral com mulheres
separadas: tecendo uma rede de apoio / Ivan Jorge dos
Santos Luna ; orientador Nelson Kilpp ; co-orientador
Lothar Carlos Hoch . – São Leopoldo : EST/PPG, 2010.
67 f. ; il.

Dissertação (mestrado) – Escola Superior de
Teologia. Programa de Pós-Graduação. Mestrado em
Teologia. São Leopoldo, 2010.

1. Separação (Psicologia). 2. Aconselhamento
pastoral. 3. Separação (Direito). 4. Mulheres pobres –
Redes de relações sociais. 5. Obras da Igreja junto às
mulheres. I. Kilpp, Nelson. II. Hoch, Lothar Carlos. III.
Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da EST

IVAN JORGE DOS SANTOS LUNA

ACONSELHAMENTO PASTORAL COM MULHERES SEPARADAS:
TECENDO UMA REDE DE APOIO

Trabalho Final de
Mestrado Profissional
Para obtenção do grau de
Mestre em Teologia
Escola Superior de Teologia
Programa de Pós-Graduação.
Linha de Pesquisa: Aconselhamento
Pastoral

Nelson Kilpp - Doutor em Teologia - Escola Superior de Teologia

Lothar Carlos Hoch - Doutor em Teologia - Escola Superior de Teologia

*Agradecemos a Deus,
a minha esposa, Amélia,
a meus filhos, Celi e Ciro,
à igreja Batista Central de Paripe, pela
compreensão,
à EST (professores e colegas), pela convivência
fraternal durante esses dois anos
e, por fim,
aos amigos Robson e Alex, pelo incentivo.*

RESUMO

O presente trabalho teve como objetivo identificar as dificuldades socioeconômicas encontradas pelas mulheres separadas batistas do bairro de Paripe, em Salvador/BA, em manter-se social e economicamente. Seu objetivo foi também reconhecer as limitações das igrejas batistas e de suas lideranças em acolher a mulher separada com suas peculiaridades, além de apresentar alternativas de aconselhamento pastoral, tomando como base a Rede de Apoio para Mulheres.

Palavras-chave: Mulher separada. Igreja. Aconselhamento pastoral. Rede de apoio social de mulheres.

ABSTRACT

The objective of the present paper was to identify the social and economical difficulties faced by the separated Baptist women in the neighborhood of Paripe in Salvador/BA, to maintain themselves socially and economically. Its objective was also to recognize the limitations of the Baptist churches and its leadership in receiving the separated woman with its peculiarities and to present an alternative of pastoral counseling based on women's supporting network.

Keywords: Separated woman. Baptist Church. Pastoral counseling. Women's supporting network.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1 A MULHER NA BÍBLIA E NA IGREJA	14
1.1 A mulher na Bíblia e na história da Igreja	14
1.2 A mulher na Igreja cristã da atualidade	17
2 ACONSELHAMENTO PASTORAL	22
2.1 Fundamentos do Aconselhamento pastoral	22
2.2 Aconselhamento pastoral de mulheres evangélicas separadas	25
2.3 Entraves para o aconselhamento pastoral com mulheres separadas no contexto latino-americano	28
3 PESQUISA	35
3.1 Metodologia	35
3.2 Resultado dos questionários	37
3.2.1 <i>Questionários respondidos pelos pastores</i>	37
3.2.2 <i>Questionários respondidos pelas mulheres batistas separadas de baixa renda</i>	39
3.3 Considerações sobre os questionários	42
4 REDE DE APOIO SOCIAL COMO ALTERNATIVA PARA MULHERES SEPARADAS DE BAIXA RENDA	44
4.1 Definição	44
4.2 Rede de apoio de mulheres	47
4.3 Rede de apoio e resiliência	48
4.4 Rede de apoio e empoderamento	49
4.5 Os papéis do pastor/aconselhador no aconselhamento de mulheres evangélicas de baixa renda	52
CONSIDERAÇÕES FINAIS	55
REFERÊNCIAS	58
ANEXO A: Questionário para pastores	64
ANEXO B: Questionário para as mulheres	65

INTRODUÇÃO

O tema desta dissertação de Mestrado é fruto da experiência de sete anos de pastorado no bairro Paripe, subúrbio de Salvador/Bahia. Durante 33 anos, fui membro de uma Igreja Batista no centro de Salvador, que segue o calendário da Convenção Batista Brasileira que, entre outras datas, comemora, no mês de maio, o mês da família.

No primeiro ano de pastorado, já foi possível perceber, claramente, que havia uma diferença entre a igreja que outrora congregava e a igreja que pastoreio. Em 2001, no mês da família, convocadas as famílias para atuar na igreja, algumas mulheres apresentaram-se à frente com seus filhos. Tive a oportunidade de, na prática, constatar o que se denomina de “família monoparental”,¹ ou seja, família formada por um dos pais e seus filhos, no caso estudado, a mãe.

A reflexão imediata que fiz como líder de igreja é o quanto muitas vezes somos lineares com relação ao Evangelho de Jesus Cristo. Apresentamos muitas programações, literaturas e orientações, sem atentar para as necessidades e peculiaridades do ser humano. Quando olhamos para Jesus e seu diálogo com Nicodemos, registrado na Bíblia, percebemos uma linguagem mais filosófica ao afirmar: “necessário vos é nascer de novo” (Jo 3.3). Entretanto, para um grupo de pescadores, o mesmo Jesus diz: “vinde após mim e vos farei pescadores de homens” (Lc 5.10). Não apenas o seu discurso, mas os milagres e, também, a multiplicação de pães apontam para um evangelho voltado para a vida cotidiana e para as necessidades do ser humano. Quando iniciei o Mestrado Profissional em Aconselhamento Pastoral, busquei um tema empolgante e relevante. Empolgante para a área acadêmica e relevante para o ministério e para a comunidade que pastoreio. Dessa forma, surgiu a motivação de analisar a questão das “Mulheres Evangélicas Separadas no Bairro de Paripe”, possibilitando a junção desses requisitos e preenchendo minhas expectativas provisoriamente.

¹ BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, 05 out. 1988. Art. 226 § 4º. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm>. Acesso em: 23 fev. 2010.

Inicialmente, não tinha uma visão real de uma igreja da periferia e, conseqüentemente, um preparo para a realidade das pessoas que ali vivem, pois as igrejas, de modo geral, não estão preparadas para receber as pessoas como comunidade de cura e geradora de saúde integral. Se, por um lado, as pessoas chegam procurando um ambiente de amor, aceitação e cura para seus dramas, por outro lado, encontramos muitas comunidades legalistas, rigorosas e de relacionamentos superficiais, o que de fato não ajuda no estabelecimento de um ambiente propício para se abrirem à cura de Deus.

A liturgia das igrejas não retrata a realidade dos frequentadores, pois os cânticos que são entoados na igreja destacam em suas letras: “eu vou vencer”; “vou alcançar a minha bênção”; “com Jesus, eu vencerei”. Com isso, o senso de comunidade, de crescer juntos, a força do “nós” se tornou inócua. As manifestações solidárias do Corpo de Cristo, como a celebração da Ceia e a comunhão entre os irmãos, que expressavam preocupação pelo outro, deram lugar à busca egoísta pelas bênçãos pessoais, especiais e imediatas, as quais normalmente são entendidas como bem-estar emocional e prosperidade material. Kivitz afirma que é trocado o caminho proposto pelo Senhor Jesus e colocado o cetro no lugar da toalha, a coroa no lugar dos espinhos, o trono no lugar da Cruz e, finalmente, a igreja consolida a vitória de Jesus como o Leão da Tribo de Judá e não como o cordeiro.²

A consequência imediata é que as reuniões das igrejas não estão atendendo aos mandamentos de Cristo, de fraternidade e comunhão, e tornaram-se superficiais. As congregações pequenas, em que o indivíduo era reconhecido como membro, deram lugar a templos grandiosos, palcos de megaencontros, restringindo a oportunidade para relacionamentos que possam curar as feridas e gerar autoestima nos necessitados.

As pessoas estão vivendo cada vez mais solitárias no contexto urbano atual. Há bastante dificuldade em compartilhar suas vidas, temores e angústias. Apesar de necessitarem e até desejarem relacionamentos profundos, não conseguem romper com as barreiras e ir ao encontro do outro. As pessoas buscam sozinhas resolver seus próprios conflitos, tentando satisfazer a si próprias. Sozinho, o indivíduo se

torna mais vulnerável, fragilizado e, na busca por satisfação pessoal, tem afundado ainda mais em seu mundo solitário. Com tantos mecanismos de comunicação (Twitter, Orkut e MSN, por exemplo), nessa era tecnológica, de rápida comunicação com o mundo, as pessoas ainda vivem o drama de se sentirem solitárias.

Segundo Bauman,³ vivemos em uma sociedade líquida, isto é, em uma sociedade sem forma, sem conceitos estabelecidos, o que gera uma fluidez das relações pessoais, por vezes cercadas de mútua vigilância e marcadas pelo individualismo. A sociedade assumidamente capitalista e consumista tem gerado um conceito utilitarista das pessoas, fazendo-as crer que só terão valor se possuírem bens e estiverem participando da produção de outros bens. A igreja, como parte dessa sociedade, tem absorvido essa ideologia. O valor passa a residir no que se tem e não no que se é como pessoa. Desaprendeu-se, como igreja, a amar, e se estabelece a desconfiança como condição *sine qua non*. Na relação pessoal, não são mais desenvolvidos relacionamentos saudáveis e profundos. A prova disso é que, ultimamente, as estantes das livrarias estão abarrotadas de livros sobre comunhão e relacionamentos, demonstrando a percepção dos autores sobre esta demanda. Não se sabe mais construir pontes de comunicação que levem ao encontro com o outro para a celebração da vida em verdade e em amor.

O mundo vive uma confrontação entre a vida e a morte, o bem e o mal, e a igreja não pode se esconder atrás da religião e não se posicionar sobre esses temas tão essenciais para a sociedade. A omissão é tão ou mais cruel do que os muitos pecados que a “convenção” nos leva a rechaçar como adultérios e vícios. Se a igreja quer fazer a diferença no mundo, é inevitável buscar por formas concretas de participar da vida de seus membros oprimidos, inclusive, em especial, das mulheres separadas, e viver em solidariedade com elas.

A igreja na sociedade pós-moderna também se individualizou e, na ânsia de crescer numérica e financeiramente, começou a priorizar os grandes projetos e a realização de megaeventos, deixando de lado a importância dos relacionamentos. No dizer de Bessa, o individualismo, o isolamento e a competitividade se

² KIVITZ, Ed René. *Quebrando paradigmas*. 2 ed. São Paulo: Abba, 1997. p. 88.

³ BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001. p. 39ss.

contrapõem à comunhão.⁴ Por conta disso, tornou-se uma igreja realizadora, mas pouco relacional. É bom que se afirme, por outro lado, que a igreja, com todas suas falhas, tem se tornado a única opção de relacionamentos terapêuticos dentro de uma sociedade secularizada e insensível para com as necessidades do outro.

Nossa sociedade sofre de uma grande dificuldade em estabelecer relacionamentos saudáveis e profundos. O mundo da pós-modernidade levou o ser humano a um isolamento destruidor, gerando um estilo egoísta de viver somado a atitudes nada humanas, do ponto de vista da misericórdia e cooperação para com o outro. De um modo geral, as igrejas acompanharam este *status quo*. Perderam a visão de sua vocação como comunidade de cura e relacionamentos. Nordstokke aponta para um fato importante na igreja pós-moderna: nós “departamentalizamos” o ideal de servir. Agora atender aos pobres e necessitados é competência somente dos diáconos do serviço.⁵ Com isso, a própria diaconia local ficou distante da congregação, dificultando a ideia de comunidade terapêutica.

O bairro de Paripe faz parte desse mundo de uma forma ainda mais contundente. Com uma população estimada em 150 mil habitantes, é o último bairro do subúrbio ferroviário de Salvador/BA e encontra-se abandonado pelos poderes públicos. Mães solteiras, desprovidas de uma boa condição socioeconômica, têm buscado acolhimento nas comunidades de bairros e centros comunitários. Outra parte expressiva desse universo se converte ao Evangelho de Jesus Cristo e busca apoio em igrejas evangélicas. Desse modo, percebe-se a importância da orientação pastoral a este público, no sentido de acolher essas mulheres necessitadas.

Procuo apresentar com este estudo a necessidade da busca de uma igreja relacional, cujo ambiente de amor e aceitação possa gerar esperanças e encorajamento no coração daqueles que da igreja se aproximam. A igreja precisa ser um contraste para esta sociedade “líquida”. Ser uma comunidade mais focada em relacionamentos e menos em atividades formais. Nesse contexto, faz-se necessário frisar a importância do aconselhamento pastoral, que pode ser

⁴ BESSA, Daniela B. Auto-ajuda religiosa: apoio nas crises. In: HOCH, Lothar Carlos; ROCCA, Susana M. L. (Orgs.). *Sofrimento, resiliência e fé: implicações para as relações de cuidado*. São Leopoldo: Sinodal, 2007. p. 200.

⁵ NORDSTOKKE, Kjell. Diaconia. In: SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph (Org.). *Teologia prática no contexto da América Latina*. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2005. p. 268-289.

considerado uma das principais ferramentas de ajuda para os necessitados. Os estudos feitos por Schwarz a partir da relação membro-igreja e realizados em mais de 1000 igrejas em todo mundo têm mostrado que os membros permanecem em uma determinada igreja local mais pelos relacionamentos e menos pela confissão doutrinária.⁶ Em função disso, as igrejas que conseguirem desenvolver um ambiente que gere relacionamentos profundos e saudáveis estarão à frente para se tornarem relevantes nesse mundo pós-moderno.

Dessa forma, a pesquisa tem por objetivos (1) analisar as dificuldades das mulheres batistas, em comparação com os homens batistas, em reconstituírem uma família; (2) estudar a influência da igreja local e seu papel na vida das mulheres separadas; (3) identificar de que forma as igrejas batistas têm influenciado na reestruturação das mulheres batistas separadas de baixa renda no bairro de Paripe; (4) enfatizar a importância da criação de programas que priorizem e facilitem relacionamentos, que venham a ajudar no desenvolvimento da potencialidade da mulher separada e que busquem a integralidade de cada uma; e, finalmente, (5) apresentar alternativas que busquem minimizar o sofrimento e a necessidade, através de um evangelho de postura diferenciada.

Neste trabalho, pretende-se mostrar a importância da comunhão e do cuidado voltado aos necessitados, mais especificamente para as mulheres batistas separadas e de baixa renda. No primeiro capítulo, apresenta-se um breve histórico da mulher ao longo da história do cristianismo com o objetivo de gerar uma compreensão sobre a situação da mulher nos tempos hodiernos. No segundo capítulo, discorre-se sobre o aconselhamento pastoral e as implicações para este aconselhamento na América Latina e, especificamente, nos países em desenvolvimento. O terceiro capítulo traz o resultado da pesquisa feita com as mulheres batistas separadas do bairro de Paripe, sua condição socioeconômica, sua vida na igreja, suas formas de lutas e seu comportamento frente aos desafios. Na última parte, é apresentada a Rede de Apoio como uma alternativa a ser trabalhada com a mulher separada evangélica de baixa renda.

⁶ SCHWARZ, Christian A. *O desenvolvimento natural da igreja*. Curitiba: Evangélica Esperança, 2003. p. 36.

Para fins de conceituação, considera-se mulher separada a mulher que viveu um relacionamento conjugal, separou-se e não tem uma nova relação. O estudo não busca questionar a legalidade do divórcio, nem apresentá-lo como única solução para essas mulheres. O campo de ação será sempre voltado para a relação igreja-cuidado, mesmo porque até as igrejas que são contrárias ao divórcio recomendam apoio espiritual para seus fiéis.

1 A MULHER NA BÍBLIA E NA IGREJA

1.1 A mulher na Bíblia e na história da Igreja

E nisto vieram os seus discípulos, e maravilharam-se de que estivesse falando com uma mulher; todavia nenhum lhe disse: Que perguntas? ou: Por que falas com ela? (Jo 4.27)

Já nos primórdios dos tempos, nos textos bíblicos, percebe-se um tratamento diferenciado para as mulheres. Fiorenza afirma que “a história humana foi escrita por mão branca, por mão de varão, a partir da classe dominante, razão pela qual os textos bíblicos na sua totalidade denotam a superioridade masculina”.⁷

Já Luiz Gonzaga de Melo destaca que “a mulher é vista como objeto de troca pelos homens”,⁸ pois na verdade ela era, ao mesmo tempo, força reprodutora, na medida em que gerava filhos e reprodutiva, na medida em que trabalhava na lavoura. O texto de Provérbios retrata qual a concepção de mulher virtuosa:

Mulher virtuosa, quem a achará? O seu valor muito excede o de finas jóias. O coração do seu marido confia nela, e não haverá falta de ganho. Ela lhe faz bem e não mal, todos os dias da sua vida. Busca lã e linho e de bom grado trabalha com as mãos. É como o navio mercante: de longe traz o seu pão. É ainda noite, e já se levanta, e dá mantimento à sua casa e a tarefa às suas servas. Examina uma propriedade e adquire-a; planta uma vinha com as rendas do seu trabalho. Cinge os lombos de força e fortalece os braços. Ela percebe que o seu ganho é bom; a sua lâmpada não se apaga de noite. Estende as mãos ao fuso, mãos que pegam na roca. Abre a mão ao aflito; e ainda a estende ao necessitado. No tocante à sua casa, não teme a neve, pois todos andam vestidos de lã escarlate. Faz para si cobertas, veste-se de linho fino e de púrpura. Seu marido é estimado entre os juízes, quando se assenta com os anciãos da terra. Ela faz roupas de linho fino, e vende-as, e dá cintas aos mercadores. A força e a dignidade são os seus vestidos, e, quanto ao dia de amanhã, não tem preocupações. Fala com sabedoria, e a instrução da bondade está na sua língua. Atende ao bom andamento da sua casa e não come o pão da preguiça. Levantam-se seus filhos e lhe chamam ditosa; seu marido a louva, dizendo: Muitas mulheres procedem virtuosamente, mas tu a todas sobrepujas. Enganosa é a graça, e vã, a formosura, mas a mulher que teme ao SENHOR, essa será louvada. Dai-lhe do fruto das suas mãos, e de público a louvarão as suas obras (Pv 31.10-31).

⁷ FIORENZA, Elisabeth S. *As origens cristãs a partir da mulher*. São Paulo: Paulinas, 1992. p. 16.

⁸ GONZAGA DE MELO *apud* LÓPEZ, Maricel Mena. *Corpos (i)maculados: um ensaio sobre trabalho e corporeidade feminina no antigo Israel e nas comunidades afro-americanas*. In: STRÖHER, Marga J.; DEIFELT, Wanda; MUSSKOPF, André S. (Orgs.). *À flor da pele: ensaios sobre gênero e corporeidade*. São Leopoldo: Sinodal, 2004. p. 55.

Rops comenta que o lugar das mulheres, na sociedade israelita, era circunscrito, ao máximo, pela lei e pelo costume. Na compilação das tradições orais preservadas pelos judeus, os homens eram encorajados a agradecer a Deus diariamente por não tê-los feito nem gentio, nem mulher, nem escravo.⁹ No templo em Jerusalém, as senhoras não podiam passar do átrio das mulheres, um isolamento até considerado natural pela maioria dos comentaristas, mas que, na realidade, não existia no plano divino para o tabernáculo (1Sm 1.9-10) e nem no primeiro templo (1Cr 28.11,19; 1Rs 5.8), refletindo tão somente o preconceito inerente ao sistema social da época.

Uma mulher adulta era menor, aos olhos da lei, e vivia sob a autoridade de seu parente mais próximo do sexo masculino. O casamento para a mulher ocorria entre os doze e vinte anos e mesmo os seus votos a Deus podiam ser cancelados pelo pai ou marido (Nm 30.3-16). Na contagem de pessoas, por exemplo, nos relatos bíblicos, não se contavam mulheres e crianças.¹⁰ A mulher estéril era marginalizada, com raras exceções como no período do exílio babilônico, época em que foi escrito o texto de Gn 2.17-19,24 que afirma ter Deus criado o ser humano à sua imagem e semelhança, macho e fêmea, o que sugere que as mulheres gozavam de certa autonomia e igualdade em relação ao homem: “por isso, deixa o homem pai e mãe e se une à sua mulher, tornando-se os dois uma só carne” (Gn 2.24). Já a partir do texto de Gn 3.16, é retratado o domínio do homem sobre a mulher como consequência do pecado: “e à mulher disse: Multiplicarei sobremodo os sofrimentos da tua gravidez; em meio de dores darás à luz filhos; o teu desejo será para o teu marido, e ele te governará”.¹¹

Nos tempos de Jesus, a função da mulher restringia-se às tarefas domésticas, como afirma Rops,¹² e em público devia se calar. Gaede retrata que Jesus se contrapõe ao *status quo* dessa época em diversos momentos, valorizando a mulher como ser humano em igual posição ao homem: a mulher surpreendida em adultério (Jo 8.1-11), em que a humilham fazendo ficar em pé na frente de todos para ser condenada e tem sua vida e dignidade defendida pela intervenção de Jesus

⁹ ROPS, Henri Daniel. *A vida diária nos tempos de Jesus*. São Paulo: Vida Nova, 1983. p. 88-89.

¹⁰ ARENS, Eduardo. *Ásia Menor nos tempos de Paulo, Lucas e João*. São Paulo: Paulus, 1997. p. 77.

¹¹ LÓPEZ, 2004, p. 61.

¹² ROPS, 1983.

quando diz: "aquele que dentre vós estiver sem pecado atire a primeira pedra". Em outro momento, Jesus se apresenta no mundo doméstico de Marta e Maria (Lc 10.38-42), quando concede a Maria o direito de sentar-se a seus pés e ouvir-lhe os ensinamentos, privilégio reservado somente aos homens.¹³

Nas poucas situações em que a mulher é citada na Bíblia nos tempos de Paulo, nota-se que a situação de marginalidade da mulher não havia mudado muito com relação ao tempo de Jesus. No caso de morte do conjugue, por exemplo, as terras e os bens eram entregues à família originária do marido. Só herdava as terras da família se não houvesse na família do marido herdeiros masculinos.¹⁴ Na condição de viúva, o novo casamento era uma necessidade econômica de sobrevivência, daí a necessidade das comunidades cristãs socorrerem as viúvas:

Não seja inscrita senão viúva que conte ao menos sessenta anos de idade, tenha sido esposa de um só marido, seja recomendada pelo testemunho de boas obras, tenha criado filhos, exercitado hospitalidade, lavado os pés aos santos, socorrido a atribulados, se viveu na prática zelosa de toda boa obra. Mas rejeita viúvas mais novas, porque, quando se tornam levianas contra Cristo, querem casar-se, tornando-se condenáveis por anularem o seu primeiro compromisso. Além do mais, aprendem também a viver ociosas, andando de casa em casa; e não somente ociosas, mas ainda tagarelas e intrigantes, falando o que não devem. Quero, portanto, que as viúvas mais novas se casem, criem filhos, sejam boas donas de casa e não dêem ao adversário ocasião favorável de maledicência. Pois, com efeito, já algumas se desviaram, seguindo a Satanás. Se alguma crente tem viúvas em sua família, socorra-as, e não fique sobrecarregada a igreja, para que esta possa socorrer as que são verdadeiramente viúvas (1 Tm 5.9-16).

O apóstolo Paulo restringe a idade de 60 anos devido ao grande número de mulheres nesta situação. Nos séculos II e III d.C, as mulheres já representam maioria no cristianismo, que passa a ser conhecido como uma religião de mulheres e incultos.¹⁵ Porém, apesar de as mulheres serem maioria, os líderes da Igreja não se desviaram da opinião judaica a respeito de mulheres, prevalecente no período apostólico. Filo de Alexandria, contemporâneo dos apóstolos Paulo e Pedro, declarou:

A fêmea é imperfeita, sujeita, vista mais como o parceiro passivo do que o ativo. E já que os elementos dos quais consistem a nossa alma são dois – a

¹³ GAEDE NETO, Rodolfo. *A diaconia de Jesus*. São Leopoldo: Sinodal, 2001. p. 173-177.

¹⁴ CARREZ, Mauricie. *A Primeira Carta aos Coríntios*. São Paulo: Paulinas, 1996. p. 64.

¹⁵ FIORENZA, 1992.

parte racional e a parte irracional – a parte racional pertence ao sexo masculino, sendo a herança de intelecto e razão; mas a parte irracional pertence ao sexo feminino, e também os sentidos externos. E a mente é em cada respeito superior ao sentido externo, como é o homem à mulher.¹⁶

Se como mulher já se vivia em uma condição inferior, como mulher divorciada essa inferioridade era mais latente. O marido podia divorciar-se dela (Dt 24.1-4), ou tomar outra mulher (Êx 21.10; Dt 21.15-17). A mulher também tinha, embora bastante restrito, o direito de divorciar-se do marido. E ficava sujeita a um castigo terrível, caso o marido suspeitasse de sua infidelidade (Nm 5.11-31). Na maioria dos casos, quando repudiada por motivo diferente de infidelidade, voltava à casa dos pais e mantinha a guarda dos filhos, os do sexo masculino até os seis anos e as filhas até se casarem. Havia uma lista de motivos criados pelos rabinos com o intuito de isentar o homem de pagar à mulher repudiada uma indenização, mas o pagamento era obrigatório com o objetivo de obstacular o divórcio e só podia casar-se com os de seu próprio clã, porque a terra passaria então ao marido (Nm 27.1-11; 36.1-13).¹⁷

Os resquícios da superioridade masculina na Bíblia Sagrada colocam a mulher em posição de submissão em relação ao homem. Fica evidente, entre outros textos, na narrativa bíblica do surgimento das espécies, pois conta a Escritura que a mulher originou-se da costela de um homem, ou na ausência da figura feminina entre os doze discípulos, estendendo-se também ao período da Reforma protestante. O próprio Lutero afirmou: “a sutileza de Satanás também se manifestou quando ele atacou a natureza humana no seu ponto mais fraco, isto é, em Eva, e não em Adão. Creio que, se Satanás houvesse tentado o homem, Adão teria obtido vitória”.¹⁸

1.2 A mulher na Igreja cristã da atualidade

A discriminação da mulher nos primórdios do cristianismo traz sequelas para os tempos atuais. Fernandes retrata a violência contra mulheres evangélicas praticadas por esposos evangélicos, muitos dos quais com cargos de liderança na

¹⁶ FILO DE ALEXANDRIA apud PORTELA, Elizabeth Zekveld. *O “adorno” da mulher cristã: proibição ou privilégio?* Disponível em: <<http://solascriptura-tt.org/VidaDosCrentes/Comigo/AdornoMulherCrista-Elizabeth.htm>>. Acesso em: 26 fev. 2010.

¹⁷ ROPS, 1983.

¹⁸ LUTHER, Martin. *Luther's Commentary on Genesis*. Grand Rapids: Zondervan, 1958. p. 68.

igreja.¹⁹ A antropóloga e pesquisadora Clara Mafra, do Instituto de Estudo da Religião (ISER) e do Departamento de Ciências Sociais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), acusa algumas igrejas evangélicas de “abafarem” casos de violência contra a mulher por parte de maridos evangélicos. Outras ONGs ligadas à mulher identificam os evangélicos como os principais incentivadores da atitude de submissão e autorrepressão que agravam a situação da mulher vítima de violência em casa. Na reportagem, o centro de apoio a mulheres vítimas de violência (Casa de Isabel), localizado em São Paulo, constata que 90% das mulheres que frequentam a instituição são evangélicas.²⁰

A igreja institucionalizada, tanto a católica quanto as denominações evangélicas, ainda impõe restrições às mulheres, notadamente na liderança. O papel das mulheres nas assembleias cristãs locais tem sido alvo de debate. Dentro dos últimos 25 anos, este problema tem chegado a um clímax em muitas denominações ortodoxas, mas também em igrejas evangélicas. O problema do papel das mulheres na igreja foi objeto de contenção na Oitava Assembléia do Conselho Mundial de Igrejas, em Harare, Zimbábue, em dezembro de 1998, quando as Igrejas Ortodoxas Grega e Russa declararam o descontentamento delas pelo fato de que a maioria de igrejas e denominações-membro do Conselho Mundial de Igrejas (World Council of Churches) ordena mulheres como ministras e pastoras. Nos Estados Unidos, a Igreja Presbiteriana, a Igreja Episcopal, a Igreja Unida de Cristo, a Igreja Metodista Unida, a Igreja Reformada na América, a Igreja Evangélica Luterana na América, a Igreja dos Irmãos e a Igreja Cristã (Discípulos de Cristo) são somente algumas das muitas principais denominações que ordenam mulheres como ministras e as encorajam a servir como pastoras e bispas de congregações locais.

Em um estudo recente de denominações que ordenam mulheres, pesquisadores descobriram que o número de mulheres ministras ordenadas em 15 grandes denominações protestantes cresceu exponencialmente entre 1977 e 1994. O levantamento estatístico conclui o seguinte:

mulheres do clero estão reinventando ministérios para o futuro, recusando as antigas definições e expectativas. Mulheres ministras estão expandindo a

¹⁹ FERNANDES, Marcelo. “Somos evangélicos, mas ele me espanca”. *Eclésia*, São Paulo, ed. 117, p. 50-53, 2008.

²⁰ FERNANDES, 2008, p. 50-53.

própria essência do ministério cristão e guiando toda a igreja para repensar e renovar sua liderança e membresia.²¹

Se a aceitação de mulheres na direção das igrejas encontra resistência, agrava-se mais ainda quando esta é divorciada. Baptista entrevistou Margarete Emma Engelbrecht, responsável pela paróquia Luterana Esperança em Icaraí, Niterói, que lhe relatou não ter sido aceita em alguns campos de trabalho para os quais se candidatou antes de encontrar o campo em que se encontra. Afirma Margarete que tem consciência de que a recusa à sua escolha parte do gênero, que existe um diferencial para homens divorciados, em relação a mulheres divorciadas. No caso de a mulher cometer erros, diz-se que “fecharam” o campo para o trabalho feminino. Porém, se homens erram, não se evoca o gênero masculino como sendo “fator de risco”.²² Esse comportamento é atribuído a um fato relacionado à cultura em que se vive e é importante ressaltar o papel da igreja, como instituição, para tentar mudar essa realidade. Porém, sabemos como é difícil romper tradições e valores mantidos por gerações.

De acordo com os dogmas católico-romanos, uma pessoa divorciada não pode casar-se de novo nem comungar ou exercer qualquer função, ainda que como leiga. Azpitarte retrata a aflição em que vivem as pessoas divorciadas. Tentam por longo tempo viver sem um novo compromisso, mas são tomadas pela solidão. Por conseguinte, acabam contraindo um matrimônio civil, buscando minimizar seu conflito, já que têm no bojo de sua fé a indissolubilidade do casamento. Diante dessa nova situação, resta-lhe a tristeza de que a igreja lhe negue o acesso aos sacramentos.²³ Esse posicionamento leva o divorciado a praticar sua fé em uma nova denominação que aceite essa nova condição.

Já entre as igrejas evangélicas, as proibições são mais flexíveis e os membros separados quase sempre podem participar ativamente da congregação e se casarem novamente, desde que busquem a legalização desta separação. Carvalho afirma que pesquisa do Centro de Estatística Religiosa e Investigações Sociais (Ceris) indica que o divorciado é quem mais muda de religião. “Entre eles,

²¹ ZIKMUND, Barbara Brown; LUMMIS, Adair T.; CHANG, Patricia M. Y. *Clergy Women: An Uphill Calling*. Westminster: John Knox, 1998. p. 133.

²² BAPTISTA, Mônica. Pastoras ainda sofrem preconceitos nas igrejas da Reforma. *SRZD-Fé*. Disponível em: <<http://www.sidneyrezende.com/noticia/32345>>. Vários acessos.

52% mudaram de fé. Entre os separados judicialmente, 35%”.²⁴ O motivo, segundo o pastor presbiteriano Fausto Brasil, responsável pelo grupo APOIO, que presta ajuda a solteiros, a divorciados e a viúvos, isso se deve ao fato de a igreja manter posições distintas sobre divórcio e um novo casamento. “Muitos líderes e pastores entendem que a Bíblia orienta que o casamento só termina com a morte, e que nem em caso de adultério se deve considerar a possibilidade do divórcio”.²⁵ Para Brasil, esses divorciados continuam evangélicos, apenas optam por uma denominação evangélica mais tolerante, ou em alguns casos, frequentam uma igreja sem se tornar membros. Altemeyer, citado na mesma reportagem, compartilha a mesma opinião e acredita que muitos separados trocam de fé por se sentirem abandonados e sem espaço nas igrejas.²⁶

Não se pode separar a mulher cristã do contexto do mundo pós-moderno. A progressiva independência econômica da mulher e a implementação de serviços sociais de apoio a famílias monoparentais são apontadas como as razões contextuais que contribuíram para o aumento das dissoluções conjugais nos países ocidentais. Porém, para o evangélico brasileiro, as leis facilitadoras do divórcio, que eliminam o conceito jurídico de culpa, são tomadas como o principal fator explicativo para o aumento do número de separações, na medida em que estabelecem uma legitimação por parte da igreja de uma nova relação.²⁷

Segundo Dahlman, a mulher passou por quatro estágios no desenvolvimento da igreja. O primeiro estágio começa com os chamados peregrinos ao novo mundo (Nova Inglaterra). As mulheres organizaram as sociedades auxiliadoras femininas para apoiar o trabalho das igrejas. Faziam comidas e costurava roupas, que eram vendidos e o fundo destinado à igreja. No segundo estágio, entre as duas Grandes Guerras, as mulheres começam a se envolver com as missões. Escreviam cartas aos missionários, enviando presentes em datas especiais e se preparando para recebê-los quando viessem em férias. No terceiro momento, as mulheres equiparam-se para o ministério, descobriram seus dons e talentos que passaram a

²³ AZPITARTE, Eduardo L. *Ética da sexualidade e do matrimônio*. São Paulo: Paulus, 1997. p. 368.

²⁴ CARVALHO, Celso. Como vai essa gente só? *Revista Enfoque Gospel*, n. 64, nov. 2006, matéria 579. Disponível em: <<http://www.revistaenfoque.com.br/index.php?edicao=64&materia=579>>. Acesso em: 10 mar. 2010.

²⁵ CARVALHO, 2006

²⁶ CARVALHO, 2006.

²⁷ CARVALHO, 2006.

ser usados para Deus e seu reino. Finalmente, no último estágio, a mulher toma consciência de que é capaz de realizar o ministério de forma total e plena. Encontram-se apta para a obra de Deus.²⁸

Apesar dos avanços da mulher desde os tempos bíblicos até os tempos hodiernos, esses avanços têm sido lentos e localizados. As conquistas obtidas ao longo dos tempos ainda estão cercadas de paradigmas.

²⁸ DAHLMAN *apud* BARRO, Antonio Carlos. Disponível em: <<http://www.ejesus.com.br/exibe.asp?id=22912008>>. Diversos acessos.

2 ACONSELHAMENTO PASTORAL

2.1 Fundamentos do Aconselhamento pastoral

O primeiro serviço que alguém deve ao outro na comunidade é ouvi-lo. Assim como o amor de Deus começa quando ouvimos sua Palavra, assim também o amor ao irmão começa quando aprendemos a escutá-lo. É prova do amor de Deus para conosco que não apenas nos dá sua Palavra, mas também nos empresta seu ouvido. Portanto, é realizar a obra de Deus no irmão quando aprendemos a ouvi-lo. Cristãos de modo especial os pregadores, sempre acham que tem a “oferecer” algo quando se encontra na companhia de outras pessoas, como se fosse único serviço. Esqueceu que ouvir pode ser um serviço mais do que falar. Muitas pessoas procuram um ouvido atento, e não encontram entre os cristãos, porque eles falam quando deveriam ouvir. Porém, quem não consegue ouvir o irmão, em breve, também não conseguirá ouvir a Deus.²⁹

O Aconselhamento, de um modo amplo, sempre existiu desde que o ser humano começou a se comunicar. As pessoas tidas como mais experientes e sábias passaram a ser procuradas e a aconselhar os que necessitavam de ajuda.³⁰ Posteriormente, esses atributos foram reconhecidos nos líderes religiosos, porque eles tinham o conhecimento vindo de uma autoridade superior, Deus.

Apesar de os líderes religiosos terem perdido muito de seu prestígio, ao longo dos séculos, para os psicólogos e profissionais de saúde em geral, o Aconselhamento Pastoral tem seu reconhecimento, tendo em vista suas aparições em momentos cruciais da vida do aconselhando, como nascimento, batismo, casamento e morte, o que contribui para o aconselhando confiar nele.³¹ Outro fator contemporâneo importante é que a família já não desempenha o papel de outrora em nossa sociedade e na vida do indivíduo, transferindo em parte as tarefas antes dos conselheiros familiares para os pastores/conselheiros.

Conforme Faria, a figura do pastor concentra certo poder. Assim, “a sua pessoa, seu modo de vida, seus sermões e suas diversas atividades pastorais

²⁹ BONHOEFFER, Dietrich. *Vida em comunhão*. São Leopoldo: Sinodal, 2001. p. 75-76.

³⁰ ACURI, Irene Gaeta; LOPEZ, Marília Ancona (Orgs.). *Temas em Psicologia da Religião: aconselhamento terapêutico: origens, fundamentos e prática*. São Paulo: Vetor, 2007. p. 321.

³¹ AUGER, Lucien. *Comunicação e crescimento pessoal: a relação de ajuda*. 4. ed. São Paulo: Loyola, 1977. p. 120.

forneem padrões de referência para o comportamento e atitude de muitas pessoas".³² Oates afirma:

Independentemente de qual tenha sido sua formação, o pastor não tem privilégio de escolher se vai ou não aconselhar os membros do seu rebanho, pois é inevitável que eles levem seus problemas até ele em busca de orientação e de uma palavra de sabedoria. Não há como contornar isso, se ele permanecer no ministério pastoral. A opção que ele tem a fazer não é de aconselhar ou não, mas sim entre aconselhar de maneira organizada e competente, ou fazê-lo de forma caótica e incompetente.³³

Além disso, o conselheiro pastoral é o mais acessível àqueles que não têm condições de buscar um psicólogo ou terapeuta. Schneider-Harpprecht diz que não se pode separar a ajuda psicológica (e porque não dizer pastoral) da ajuda concreta pela ação social. Dentre as necessidades eminentes, está o acolhimento e, conseqüentemente, o cuidar, que abrange o aconselhamento pastoral. Isto inclui a capacitação das pessoas para assumirem sua responsabilidade como cidadãos que se engajam em favor de uma melhoria das condições de vida de seu povo, em uma sociedade livre, democrática e justa.³⁴

Ainda de acordo com o autor supracitado, na atualidade, o aconselhamento pastoral possui duas linhas bastante distintas e identificáveis: a primeira, com o método mais conhecido e usado durante grande parte da história cristã, é a diretiva. Esse método se caracteriza pelo aconselhamento "noutético", derivado da palavra admoestação. É o aconselhamento centrado na Bíblia. Procura corrigir as distorções e motivações erradas do comportamento humano em relação a Deus, ao próximo e a si mesmo. Diante disso, o aconselhamento Bíblico desafia o ser humano a desenvolver uma espiritualidade, uma ética e uma moralidade centrada em Deus. O aconselhamento noutético é um tipo de admoestação que aponta na direção de uma vida correta segundo os padrões bíblicos. O que subentende também correção e a denúncia a qualquer padrão que seja incoerente com o viver cristão, ou seja,

³² FARIA, A. L. Implicações psicológicas da tarefa pastoral. In: LISBOA, A. H. (Org.). *Saúde pastoral e comunitária*. 2. ed. São Paulo: CPPC, 1985. p. 16-18.

³³ OATES *apud* COLLINS, G. R. *Aconselhamento cristão*: edição século 21. São Paulo: Vida Nova, 2004. p. 24.

³⁴ SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph. Aconselhamento Pastoral. In: SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph (Org.). *Teologia Prática no contexto da América Latina*. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2005. p. 291-319.

confronta o aconselhado com seu pecado.³⁵ Adams não aceita o diálogo entre a sabedoria bíblica e a sabedoria contemporânea das ciências psicológicas e humanas. O autor afirma que aceita a Bíblia como inerrante e como o padrão de toda fé e prática.³⁶ No aconselhamento noutético, o aconselhador é encorajado a dar conselhos. É um método de aconselhamento diretivo e tende a inibir a iniciativa do aconselhando, tornando-o dependente do aconselhador.

A outra linha de aconselhamento baseia-se na abordagem não diretiva ou permissiva. Podemos dizer que a relação de ajuda consiste em uma relação permissiva criada e mantida pelo pastor/aconselhador, na qual o aconselhando tem a oportunidade de fazer uma reflexão sobre si mesmo para compreender-se melhor, visando adquirir atitudes e comportamentos mais construtivos, adequados e satisfatórios para si mesmo e para os outros. Esse método foi desenvolvido por Carl Rogers e Howard Clinebell.

Clinebell, ao apresentar uma forma diferenciada de aconselhamento pastoral e da poimênica, concebe a necessidade de utilizar todas as formas e oportunidades que se apresentam para facilitar a cura e o crescimento por parte da igreja. O termo “poimênica” vem do grego “poimen” que significa “pastor”. Sendo assim, a poimênica tem a ver com o trabalho pastoral, de um modo geral. O autor declara: “poimênica é o ministério amplo e inclusivo de cura e crescimento mútuos dentro de uma congregação e de sua comunidade, durante todo o ciclo da vida”. Segundo ele, “a poimênica e o aconselhamento pastoral são eficazes na medida em que ajudam as pessoas a aumentar sua capacidade de relacionar-se de maneira que fomentem a integralidade nelas mesma e nas outras pessoas”.³⁷ Na verdade, para o autor, o próprio objetivo da poimênica é a integralidade do ser humano. Isso significa que um ministério pastoral que não desemboque em cura, relacionamentos mais profundos e verdadeiros ambientes de aceitação está absolutamente desfocado quanto à sua missão.

Encontra-se um posicionamento semelhante em Schneider-Harpprecht, quem caracteriza o aconselhamento pastoral também como um desafio de ajuda

³⁵ SCHNEIDER-HARPPRECHT, 2005, p. 291-319.

³⁶ ADAMS, Jay. *Conselheiro capaz*. São Paulo: Fiel, 1977. p. 58.

³⁷ CLINEBELL, Howard J. *Aconselhamento Pastoral: modelo centrado em libertação e crescimento*. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal, 1998. p. 25-30.

para que essas pessoas possam viver uma relação com Deus, consigo e com o próximo de uma maneira consciente e madura. Faz-se necessário também que o aconselhamento pastoral cumpra seu papel acolhedor, apresentando alternativas convincentes e satisfatórias para a realidade do aconselhando.³⁸

O aconselhamento pastoral que oferecesse somente consolação espiritual aos famintos seria uma contradição cínica do Evangelho que ninguém pode desejar. No contexto de pobreza, o aconselhamento pastoral precisa ser integrado ao trabalho diaconal da comunidade. Este parte diretamente para a ação concreta de ajuda, enquanto lida com processos de mudança da identidade, de posturas, de pensamentos, de sentimentos e de relações interpessoais que se refletem no comportamento das pessoas. O aconselhamento pastoral e os púlpitos não podem desconsiderar a realidade social daqueles a quem se quer atingir. Deve afetar a intensidade e perseverança das orações pelo povo tão sofrido. Precisa incluir ação e responsabilidade social, pois não se pode viver um Evangelho alienado dessa carência exposta diante dos olhos. Deve afetar a agenda pastoral e a determinação de prioridades financeiras que, vez por outra, caminham para imobilizações em templos e estruturas suntuosas.

O aconselhamento pastoral deve estar seriamente comprometido e envolvido em um processo de conscientização com o fito de gerar uma percepção da realidade vivencial, para daí ocorrer a transformação pessoal e social. Boltodano diz que um acompanhamento pastoral comprometido com pessoas deve direcioná-las a cumprirem um papel de agentes ativos motivados a mudar sua situação de injustiça. O trabalho de aconselhamento pastoral deve gerar uma motivação nas pessoas, no sentido de refletir sobre sua situação e lutar pela mudança.³⁹

2.2 Aconselhamento pastoral de mulheres evangélicas separadas

Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai das misericórdias e o Deus de toda a consolação; Que nos consola em toda a nossa tribulação, para que também possamos consolar os que estiverem em alguma tribulação, com a consolação com que nós mesmos somos consolados por Deus (2Co 1.3-4).

³⁸ SCHNEIDER-HARPPRECHT, 2005

³⁹ BALTODANO apud SANTOS, Hugo N.; HOCH, Lothar C. *Dimensões do cuidado e aconselhamento pastoral: contribuições a partir da América Latina e do Caribe*. São Paulo: ASTE; São Leopoldo: CETELA, 2008. p. 200.

Depois do vínculo parental, o vínculo do relacionamento conjugal é o mais arraigado da vida de uma pessoa. Giusti afirma que a separação, mesmo a longo prazo, gera um abalo emotivo que, na escala das causas de estresse, só é precedido por uma morte de parente ou pelo choque de ser preso. A dor do rompimento do relacionamento gera uma série de reações emotivas, como falta de otimismo para enfrentar o futuro, medo de viver, medo da solidão, medo do futuro, desilusão com relação a pessoas do outro sexo. No entanto, os estudos do impacto familiar da separação, quer no casal, quer nos filhos, demonstram que os níveis e a qualidade de adaptação a este estressor não são linearmente comuns a todas as pessoas que se separam.⁴⁰

Quando se rompe essa relação, há a necessidade de um trabalho interior muito forte para se buscar o equilíbrio existencial e emotivo. O divórcio é um dos momentos mais estressantes na vida dos adultos. Após a dissolução conjugal, os ex-parceiros têm de enfrentar inúmeras mudanças e desafios. A literatura psicológica tem dado prioridade ao estudo das consequências negativas das separações nas trajetórias de todos os membros da família, através da pesquisa exaustiva de problemas de ajustamento que provariam que a separação é por si só um fator de desestabilização e risco psicopatológico. Os separados reportam índices superiores de estresse psicológico, com maior probabilidade de suicídio, desestabilização emocional e nos sistemas de procura e prestação de cuidados. De fato, estes estressores psicossociais têm um impacto acentuado na pessoa separada, diminuindo seus níveis reais de qualidade de vida, fato que contribui para o surgimento de doenças psicossomáticas.⁴¹

Collins diz que os estudiosos em divórcio e separação têm apontado uma série de características que envolvem a separação. A maioria dos estudos conclui que as pessoas separadas experimentam culpa, medo, ansiedade, depressão e outras psicopatologias, quando comparadas às pessoas que permanecem casadas. O rompimento de uma relação conjugal se aproxima à experiência da morte de um ente querido. É válido pensar na separação como um luto em toda plenitude. Todas as reações do luto estão presentes notadamente no dia dos namorados, Natal, Ano

⁴⁰ GIUSTI, Edoardo. *A arte de se separar*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987. p. 50.

⁴¹ COLINS, Gary R. *Aconselhamento cristão*. São Paulo: Vida Nova, 2004. p. 537-538.

Novo e em outras festas. Segundo Maldonado, é duvidoso que a perda de uma relação conjugal se resolva em menos de um ou dois anos.⁴²

Lamela cita o estudo longitudinal de Hetherington, identificando dois grandes rumos desenvolvimentais pós-dissolução conjugal. No primeiro, considerado o mais adaptativo, a separação é caracterizada como um momento agudo de estresse, similar a uma crise moratória, em que, após os dois primeiros anos (em média), os níveis de ajustamento e bem-estar psicológico são iguais, podendo variar em alguns casos para mais, aos níveis anteriores à ruptura conjugal. No entanto, em uma segunda trajetória possível, a separação poderá gerar um estressor crônico, com repercussões ao longo da vida, em que não é evidente uma evolução adaptativa a esta transição familiar.⁴³

Em termos econômicos, a separação traz consequências, seja qual for o momento em que aconteça. Estudos sobre as consequências financeiras da separação em mulheres e crianças constataram que a ex-mulher e os filhos sofrem uma queda entre 30% a 73% de seu padrão de vida após a separação.

Neste contexto, o pastor/aconselhador tem o desafio de tentar afastar o sentimento de baixa autoestima causado pela ideia de fracasso do relacionamento conjugal igual ao fracasso da vida inteira, que tem uma conotação bem mais forte para a mulher que desde sua infância tem fixado em sua mente dois papéis: o de esposa e o de mãe, conforme retrata Giusti.⁴⁴

Parkes diz que muitas vezes a raiva e a culpa pela separação levam pessoas separadas a terem explosões contra aqueles que as pressionam a aceitar a perda, ainda considera prematura.⁴⁵ O pastor/aconselhador deve buscar esse soerguimento com muita cautela. É muito importante apontar para algumas adaptações ocorridas após a separação como um potencial processo qualitativo

⁴² MALDONADO, Jorge E. *Crises e perdas na família*. Viçosa: Ultimato, 2005. p. 32.

⁴³ HETHERINGTON apud LAMELA, Diogo Jorge Pereira do Vale. Desenvolvimento após o divórcio como estratégia de crescimento humano. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*, São Paulo, v. 19, n. 1, abr. 2009. Disponível em: <http://www.revistasusp.sibi.usp.br/scielo.php?pid=S0104-12822009000100012&script=sci_arttext>. Vários acessos.

⁴⁴ GIUSTI, 1987, p. 65.

⁴⁵ PARKES, Colin Murray. *Luto: estudo sobre a vida adulta*. São Paulo. Summus, 1998. p. 105.

caracterizado por novos objetivos de vida, melhoria de competências e maior maturidade afetiva e íntima, e não como um processo cumulativo de perdas.

A mulher evangélica encara, e dificilmente encararia de outro modo, a relação conjugal como “até que a morte os separe”. Dentro desta conotação não se tem ideia de até que ponto essa mulher pretende aceitar essa perda e ser consolada pelo pastor/aconselhador. Kornfield afirma que o trauma do divórcio é profundo e afeta todas as áreas da vida (financeira, emocional e espiritual) e se complica ainda mais para a mulher, especialmente se ela tem filho, porque aí ela se torna pai e mãe. Todo esse trauma se torna insuportável quando é reforçado pela rejeição da igreja.⁴⁶

A igreja cristã, de modo geral, precisa canalizar reforços para amparar as mulheres separadas. Até mesmo porque as igrejas que se colocam contra o divórcio, como a Igreja Católica, percebem essa necessidade:

A solidão e outras dificuldades são muitas vezes herança para o cônjuge separado, especialmente se inocente. Em tal caso, a comunidade eclesial deve ajudá-lo mais do que nunca; demonstrar-lhe estima, solidariedade, compreensão e ajuda concreta, de modo que lhe seja possível conservar a fidelidade, mesmo na situação difícil em que se encontra; ajudá-lo a cultivar a exigência do perdão próprio do amor cristão e da disponibilidade de retornar eventualmente a vida conjugal anterior.⁴⁷

2.3 Entraves para o aconselhamento pastoral com mulheres separadas no contexto latino-americano

Existem diversas dificuldades para o aconselhamento pastoral com mulheres evangélicas separadas na América Latina. Destacam-se algumas como os mais importantes:

1. A maioria dos livros sobre aconselhamento pastoral na América Latina consiste em traduções de textos escritos dentro de um contexto norte-americano, que não retratam, ou retratam superficialmente, o contexto latino-americano. No dizer de Streck, a grande maioria das abordagens de aconselhamento pastoral são para famílias de classe média e alta, como também outros serviços de atendimento.

⁴⁶ KORNFIELD, David. *Aprofundando a cura interior através de grupos de apoio*. São Paulo: Sepal, 2000.

Já a família de baixa renda busca uma solução imediata para seus problemas e não fica muito tempo no acompanhamento. Além disso, buscam ajuda em diversos lugares, inclusive ajuda espiritual. Esse fato contribui ainda mais para o agravamento de seu problema e isolamento, inclusive de seus pares.⁴⁸

2. Santana Ana enfatiza uma crítica ao modelo de aconselhamento protestante na América latina, que se baseia na relação indivíduo-pastor/pastora, oração e palavra de Deus, isto é, o aconselhamento da congregação realizado tão somente pelo líder espiritual. É ele quem ora e instrui segundo as Escrituras Sagradas. Afirma que esta posição está paradoxalmente contrária a uma das maiores contribuições da Reforma: o sacerdócio universal, ou seja, os dons espirituais, neste caso o de aconselhar, não são propriedade exclusiva do líder: outros membros da congregação também são capacitados para o aconselhamento.⁴⁹

3. Wilson critica o modelo tradicional de aconselhamento pastoral ocidental e apresenta cinco aspectos negativos deste modelo de aconselhamento pastoral: considera o sofrimento como um problema privado; é realizado em uma situação específica e seu contexto não é levado em conta; não se fundamenta no conceito social dos seres humanos; não tem em seu bojo um processo de desenvolvimento de uma igreja saudável; consolida uma falsa espiritualidade.⁵⁰ Com relação a este último tópico, Alves diz que, na perspectiva da teologia latino-americana, o sofrimento não é um problema individual e não pode, nem deve, ser curado usando uma manipulação emocional e interpretativa da vida interior das pessoas que sofrem, mas a dor e o sofrimento podem e devem ser transformadas, semelhante a uma nova criação.⁵¹

4. Outro fator que dificulta o aconselhamento: a não concepção de um evangelho integral. O fato de os pobres, especialmente, estarem buscando apoio nos movimentos pentecostais e de manifestações afro e espírita decorre da

⁴⁷ *Familiaris consortio* apud VIDAL, Marciano. *Moral do matrimônio*. Petrópolis: Vozes, 1992. p. 121-122.

⁴⁸ STRECK, Valburga Schmiedt. *Terapia familiar e aconselhamento pastoral: uma experiência com famílias de baixos recursos*. São Leopoldo: Sinodal, 1999. p. 125ss.

⁴⁹ SANTANA ANA apud BALTOIANO, Sara. *Psicologia, pastoral y pobreza*: San José: Universidad Bíblica Latinoamericana, 2003. p. 79.

⁵⁰ WILSON apud BALTOIANO, 2003, p. 75-76.

negligência que as igrejas consideradas históricas (católicas e protestantes) apresentam em relação à dimensão terapêutica da atuação pastoral. Cesar defende essa posição dizendo que, durante séculos, a igreja protestante esteve voltada somente à pregação do Evangelho no que diz respeito à salvação do indivíduo. Em consequência, a maior parte dos membros dessas igrejas limita a atenção aos pecados sociais e se sente desmotivada para lutar pela transformação social.⁵²

5. Outra questão complexa para se levar em consideração ainda é que a dimensão territorial e cultural do Brasil é bastante heterogênea. A situação do Nordeste do Brasil, em seu contexto sociorreligioso, difere das regiões Sul e Sudeste. O Nordeste, pelas condições climáticas, apresenta grandes períodos de seca e, conseqüentemente, de fome. É uma região em que a prática plena do evangelho se faz mais necessária, principalmente em sua área sertaneja.

6. Os líderes principais da igreja (pastores) nem sempre são bem preparados por seus respectivos seminários para lidar com esta demanda. Há a falta de motivação dos próprios solteiros e separados: já acostumados com a falta de inserção no contexto da igreja local, eles abdicam de suas necessidades. Há pastores que têm visão e desejo de formar um ministério em sua igreja, voltado para as necessidades de sua comunidade, mas não sabem como. Edison Queiroz diz que o pastor deve ser um aconselhador acessível para as pessoas que estão vivendo dentro daquele contexto, dentro daquela problemática, para que se torne um facilitador para aqueles que mais precisam. Não se pode elitizar o processo de formação de novos obreiros, mas estes devem aprender com o senhor Jesus. Ainda segundo Queiroz, alguns dos discípulos de Jesus não seriam recebidos para estudar na maioria dos seminários convencionais. Ele elogia o seminário sertanejo pela ênfase que dá à formação ministerial de seu aluno e à formação acadêmica voltada para a realidade nordestina. Diz que há toda uma rede de formação e de preparação teológica do Maranhão à Bahia. Em outros lugares, precisamos de mais rigor

⁵¹ ALVES apud BALTODANO, 2003, p. 84.

⁵² CESAR, Waldo; SHAULL, Richard. *Pentecostalismo e futuro das igrejas cristãs: promessas e desafios*. Petrópolis: Vozes; São Leopoldo: Sinodal, 1999. p. 168.

acadêmico, quem sabe ainda precisemos de mais conexões para construir uma teologia de ponta.⁵³

Durante a evangelização do Nordeste do Brasil pelos batistas do Sul dos Estados Unidos, houve uma grande distribuição de alimentos e formação de escolas nas igrejas batistas, o que reflete na prática uma visão da realidade, mas é uma solução paliativa. Uma das igrejas estudadas oferecia aproximadamente 100 cestas básicas a famílias de crianças pobres no bairro de Paripe em Salvador-Bahia até o ano de 2000. Muitas dessas famílias já recebiam há mais de um ano sem, entretanto, vislumbrar alternativas que viessem a suprir suas necessidades básicas. Tal fato mostra que algumas instituições que oferecem ajuda acreditam no assistencialismo como solução. O modelo assistencialista é ineficiente e controlador na medida em que as pessoas tornam-se dependentes. Além disso, as igrejas localizadas em bairros de população de baixa renda não possuem condições financeiras para manter uma política assistencialista que venha a suprir a demanda do bairro. Começa a atrair pessoas em número cada vez maior. Vez por outra, compromete-se com políticos de ocasião, ou seja, políticos descompromissados com a realidade do bairro e que tentam barganhar o prestígio e apoio dos pastores e da igreja de uma forma geral.

Como visto no tópico anterior, é muito difícil a realidade de uma mulher evangélica separada. Para uma mulher evangélica separada de baixa renda, a situação torna-se mais difícil. Para ela, além dos transtornos da perda que toda mulher experimenta com a separação, vem o desmoronamento da crença de que o casamento é “até que a morte os separe”. E mais um fator peculiar: a separação representa ainda, na maioria dos casos, a perda da única fonte de subsistência. A questão financeira fará um diferencial dela em relação a outras mulheres. O sustento financeiro gera novas dependências. Essas mulheres tendem a recorrer a seus pais ou aceitar a convivência com outro homem que a financie, ficando desta forma privada da liberdade obtida pela separação anterior.⁵⁴ Segundo Carter e McGoldrick,

⁵³ QUEIROZ, Edison. Entrevista à Agência Soma, ano 2, n. 5, dez. 2005. Disponível em: <<http://www.agencia.soma>>. Vários acessos.

⁵⁴ STRECK, Valburga Schimiedt; SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph. *Imagens da família: dinâmica, conflitos e terapia do processo familiar*. São Leopoldo: Sinodal, 1996. p. 96.

a mãe solteira talvez precise ser aconselhada a respeito de como procurar trabalho ou de estratégias profissionais, assim como sobre a administração do dinheiro. Os terapeutas precisam estar conscientes das dificuldades que as mulheres enfrentam nesta área, e ajudá-las adequadamente neste assunto.⁵⁵

Veremos mais adiante que as mulheres separadas de Paripe, devido a sua condição socioeconômica, são ainda mais estigmatizadas. Assim, é necessário avaliar as opções de soluções existentes que favoreçam uma mudança de vida por parte destas mulheres e a igreja, em sua forma de cuidar do ser humano como um todo, corpo e espírito, precisa buscar resposta para esta questão.

Os motivos para esse precário apoio oferecido aos separados, de uma forma geral, são os mais variados possíveis, segundo os cinco pastores investigados. Dentre os motivos, o número insuficiente de pessoas separadas para formação de um grupo. A igreja começou a lidar com o divórcio com menos frequência do que a sociedade em geral. Tal fato também contribui para que pessoas divorciadas pensem que não serão aceitas, ou mesmo marginalizadas. Há, também, a ausência de pessoas com maturidade espiritual e emocional para formação de uma liderança.

Finalmente, há um fator psicológico que influencia negativamente. Conforme pesquisa do Centro de Estatística Religiosa e Investigações Sociais (Ceris), da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), 84% das mulheres divorciadas gostariam de encontrar um companheiro para se casar. Entretanto, do universo de mulheres pesquisadas neste trabalho, apenas uma após 17 anos buscou ter uma nova relação. No pensamento da mulher evangélica separada, uma nova relação pode interferir negativamente em sua aceitação na comunidade evangélica.

Freud aborda em *O futuro de uma ilusão* a difícil relação do ser humano consigo mesmo. Há uma dificuldade do desenvolvimento cuja origem remonta à inércia da libido, à falta de inclinação desta para abandonar uma posição antiga por outra nova, buscando favorecer todos os caminhos pelos quais as identificações fortes possam ser estabelecidas entre os membros da comunidade, de modo a fortalecer o vínculo comunal através das relações de amizade. Para que esses

⁵⁵ CARTER, Betty; MCGOLDRICK, Mônica. *As mudanças no ciclo de vida familiar*. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2001. p. 333.

objetivos sejam realizados, faz-se inevitável uma restrição à vida sexual.⁵⁶ As igrejas, na medida em que as acolhe como necessitadas, separadas e sofredoras, e nem sempre encara suas realidades, impõe de forma sutil para estas mulheres a necessidade de permanecerem solteiras, na medida em que as trata como heroínas e merecedoras do amor de Deus por não buscarem alternativas, entre estas, um novo relacionamento.

A igreja, no contexto da civilização, provoca no ser humano a instabilidade de ter que seguir normas, regras que não faziam parte de seu desenvolvimento natural. Há uma repreensão do superego, em que as leis e normas são interiorizadas, causando certa frustração no sujeito, pois o narcisismo de se fazer tudo por si, presente em todos, deve dar espaço para um pensamento mais altruísta, segundo o qual olhar e ajudar o outro é mais valorizado.

Azpitarte diz que o cônjuge “inocente”, afetado pelo divórcio, tem que se sentir acompanhado nesses momentos difíceis para não contrair um novo casamento. Seu exemplo de fidelidade e coerência cristã produz um testemunho grandioso para o mundo e para a igreja. A igreja deve, enquanto ele permanecer solteiro, evitar qualquer obstáculo para a admissão aos sacramentos. Essa ideologia se aplica, inconscientemente, à quase totalidade das igrejas cristãs. O autor supracitado vai mais além quando compara o amor sacrificial de Cristo para com sua igreja com o “fracassado no matrimônio”. As mulheres devem viver solteiras, em circunstâncias heróicas, e devem merecer a admiração e a gratidão dos demais membros da igreja por seus altos ideais evangélicos.⁵⁷

Não raro observa-se nas igrejas expressões: “essa mulher é uma vencedora, criou os seus filhos no temor do Senhor sem jamais buscar outro homem”. A ajuda oferecida pela comunidade evangélica e o apoio a mulher separada, ao mesmo tempo em que saciam as necessidades, inibe qualquer ação que venha mudar o seu relacionamento amoroso, já que este é o objeto principal do próprio acolhimento. Esse pensamento é ratificado por Brasil (2006) quando este diz que há lideranças que são contrárias a presença de um Grupo de Apoio a pessoas separadas na igreja, porque incentiva o divórcio, na medida em que se um casal não estiver bem

⁵⁶ FREUD, Sigmund. *O futuro de uma ilusão: o mal-estar na civilização*. Rio de Janeiro: Imago. v. XXI.

no casamento, sabendo que na sua comunidade encontraria apoio, optaria pela separação.⁵⁸

O aconselhamento pastoral para mulheres tem implicações dentro do próprio meio (igreja) que as apoia: o pastor/aconselhador deve aprofundar-se em conhecer suas ramificações psicológicas e sociais. Esse conhecimento é essencial para compreender a jornada dos que convivem com essa situação.

Nas últimas décadas, a Teologia da Libertação demonstrou, em estudos bíblicos e teológicos, que a obra salvadora de Deus está intrinsecamente ligada à plenitude da vida humana em seus diversos campos – individual e social, espiritual e material. O conceito de Teologia da Libertação trouxe um novo despertar aos cristãos dos países em desenvolvimento, notadamente na América Latina. Nas comunidades eclesiais de base, houve a conscientização da situação de opressão. O êxito desse trabalho deveu-se, em grande parte, às discussões sobre a realidade dessas comunidades a partir de treinamento de pessoas para trabalhar em grupos de Redes de Apoio social.

Streck sugere a necessidade de o aconselhamento pastoral possuir uma visão sistêmica de famílias e comunidades, incluindo aspecto social, político e cultural.⁵⁹ Entre as dificuldades para o atendimento desta sugestão, encontra-se a política assistencialista já estabelecida pelas igrejas como paliativo, ausência de pastoras no clero batista, o que facilitaria a comunicação entre a liderança e as mulheres separadas, e, finalmente, o próprio despreparo dos pastores para o treinamento de leigos, já que não recebem nos seminários instrução para tal.

⁵⁷ AZPITARTE, 1997, p. 368,

⁵⁸ CARVALHO, 2006.

⁵⁹ STRECK, 1999, p. 118-119.

3 PESQUISA

3.1 Metodologia

O foco inicial da pesquisa era investigar todas as igrejas evangélicas do bairro de Paripe, Salvador/Ba. Foram catalogadas, inicialmente, mais de 50 igrejas, o que tornou esse universo muito amplo para o estudo. Assim, foi feito um recorte para a pesquisa que se restringiu a cinco igrejas Batistas filiadas à Convenção Batista Brasileira, localizadas no bairro Paripe. Foram entrevistadas mulheres que são efetivamente membro da igreja batista filiada à convenção Batista Brasileira.

Optou-se por uma pesquisa qualitativa, por ser mais adequadas para apurar opiniões e atitudes explícitas e conscientes dos entrevistados, pois utilizam instrumentos que permite também que se realizem projeções para a população representada. Elas utilizam de forma mais espontânea as hipóteses levantadas para a pesquisa e fornecem índices que possibilitou um contato mais próximo com o fato, o que permite atingir os objetivos da pesquisa.⁶⁰

A pesquisa foi exploratória descritiva, o que possibilitou contato com “o universo [da mulher batista separada de baixa renda], e conhecer os significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, correspondendo a um espaço mais profundo das relações”,⁶¹ interpretando a situação e buscando caracterizar o perfil dessas mulheres.

A pesquisa foi realizada no período de 02 de setembro de 2009 a 10 de novembro de 2009. Utilizou-se de formulários, anexos a este trabalho, contendo perguntas objetivas e outras subjetivas, sendo permitido que o entrevistado expusesse seu pensamento sobre o assunto.⁶² A pesquisa foi realizada pelo próprio pesquisador em dias de culto em suas respectivas igrejas. Foram incluídas na pesquisa doze mulheres com faixa etária entre 20 e 50 anos que aceitaram participar espontaneamente e voluntariamente deste estudo.

⁶⁰ GIL, Antonio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Atlas, 1999.

⁶¹ MINAYO, Maria C. S. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: MINAYO, A. C. *Pesquisa social: Teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 1993. p. 21-22.

⁶² Ver Anexo A e Anexo B.

Foram distribuídos dois tipos distintos de questionários: um para os cinco pastores das Igrejas Batistas do bairro de Paripe filiadas à Convenção Batista Brasileira, com cinco questões abertas,⁶³ objetivando identificar: posicionamento dos pastores e de seus membros frente às necessidades das mulheres separadas; postura da igreja diante de uma nova relação da mulher separada com um novo companheiro; identificar se as igrejas desenvolvem algum tipo de trabalho direcionado a mulher separada; tempo e, conseqüentemente, envolvimento do pastor/pastora com a comunidade. Tornou-se inviável a aplicação do questionário a um dos cinco pastores por motivo de viagem.

Outro questionário foi distribuído para doze mulheres separadas que fazem parte da membresia destas igrejas. O questionário era composto por nove questões.⁶⁴ Buscou-se uma compreensão da relação mulher-igreja a partir da visão da mulher separada diante da igreja: apoio da congregação na época da separação; atividades voltada para suas necessidades; apoio de suas amigas/irmãs em uma nova relação conjugal.

Os critérios de procedimentos adotados na pesquisa obedecem aos critérios de ética em pesquisa com seres humanos, conforme Resolução n. 196/96 do Conselho Nacional de Saúde, e aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa (EST). Os participantes concordaram e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Após a coleta de dados, os mesmos foram analisados estatisticamente para melhor compreensão e discussão dos resultados.

A pesquisa foi realizada no bairro de Paripe, Salvador/BA, bairro periférico, distante 15km do centro da cidade, com características de extrema pobreza. Na década de 1960, deu-se início ao período de construção de fábricas de tecelagem e sisal, bem como a construção de uma ferrovia que ligava o centro da cidade ao bairro. Ao longo da ferrovia e da avenida, começaram a ser construído casebres sobre o mar, conhecido como alagados, sem nenhuma infraestrutura. As fábricas construíram grandes galpões para armazenar as produções de tecido e sisal. Já no fim da década de 1970 e meados da década de 1980, as empresas abandonaram estes galpões. Atualmente inexistem fábricas no bairro, mas aproximadamente nove

⁶³ Anexo A.

⁶⁴ Anexo B.

fábricas formavam um complexo no bairro. A última a deixar o local foi a Votorantim (fábrica do cimento Atratu, que deixou desempregada 5.000 pessoas). Os galpões foram invadidos pela população pobre, constituindo favelas. Em meio a estas favelas, localizam-se quatro das cinco igrejas batistas consideradas na pesquisa. Uma vasta busca foi realizada no sentido de localizar dados e informações sobre essas favelas e seus habitantes, mas nenhum dado foi encontrado.

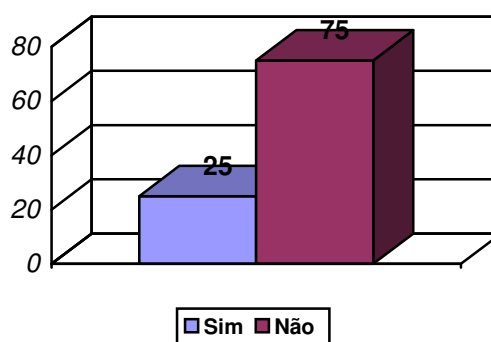
3.2 Resultado dos questionários

Os questionários procuraram identificar a relação igreja-membro, no caso do questionário preenchido pelos quatro dos cinco pastores, e a relação mulher separada-igreja, através do questionário preenchido pelas doze mulheres.

3.2.1 Questionários respondidos pelos pastores

Foi perguntado aos pastores se a igreja que pastoreiam possui um programa ou departamento de apoio a mulheres separadas. Constatou-se que 75% não possuem qualquer programa ou departamento de apoio a mulheres separadas.

Gráfico 1: Existência de um programa ou departamento de apoio às mulheres separadas – resposta dos pastores (%)



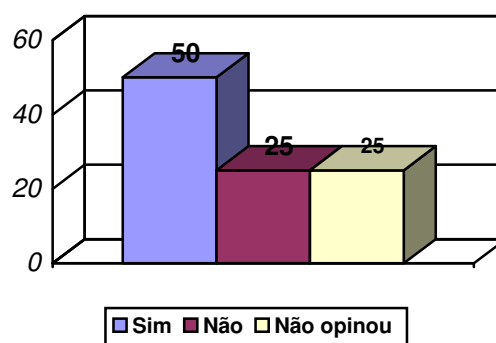
Fonte: Dados coletados pelo autor.

O pastor Edison Queiroz diz que o seminário de formação de pastores/aconselhadores precisa capacitá-los para contextualizar a realidade de carência e desestrutura social da região em que os pastores irão servir. Os pastores entrevistados estão, em média, há oito anos no bairro, mas ainda não se deram conta da demanda das mulheres separadas moradoras do bairro. Streck diz que as

habilidades adquiridas pelos obreiros são insuficientes para um aconselhamento que levem em conta as diferenças culturais. São necessárias habilidades que transcendam os conhecimentos adquiridos em sua formação para participar da transformação do rebanho a ele confiado.⁶⁵

Sobre a realização de casamento de pessoas divorciadas, 50% dos pastores entrevistados diz que realiza casamento de pessoas divorciadas, 25% disse que não realiza e 25% disse que até a presente data não houve solicitação para casar pessoas divorciadas e, por esse, motivo não opinaria.

Gráfico 2: Realização de casamento de pessoas divorciadas – respostas dos pastores (%)



Fonte: Dados coletados pelo autor.

Perguntados se a igreja que pastoreia possuía normas, regulamentos ou qualquer outro procedimento com relação ao recebimento em sua membresia de pessoas divorciadas ou separadas, 100% dos pastores afirmou que não existe nos regulamentos de suas igrejas decisões contrárias ao ingresso de pessoas divorciadas no rol de membros.

O fato de o entrevistador ser um dos pastores de uma das igrejas batistas do bairro gerou inicialmente um desconforto nas partes envolvidas (pastor/entrevistado-pastor/entrevistador), no que tange à pergunta sobre se a igreja ora visitada pelo entrevistador possuía um programa de assistência a mulheres separadas? O entrevistador deixou o questionário a ser respondido pelos pastores para ser recolhido em seguida.

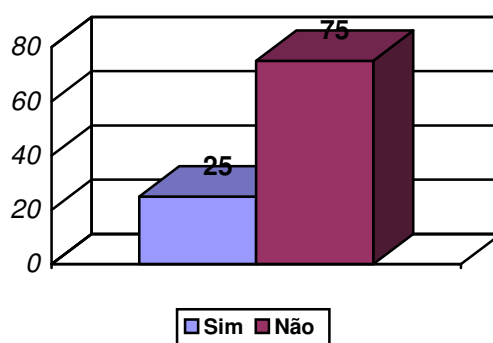
⁶⁵ STRECK, 1999, p. 130.

3.2.2 Questionários respondidos pelas mulheres batistas separadas de baixa renda

O fato de o pesquisador ser um dos pastores da localidade gerou inicialmente uma inibição nas mulheres entrevistadas em compartilhar as deficiências de suas respectivas igrejas. Inibição essa que foi minimizada a partir da interferência de outras entrevistadas.

Às doze mulheres entrevistadas, foi perguntado se a igreja em que congrega possui um programa ou departamento de apoio a mulheres separadas. Elas ratificaram as respostas de seus pastores: 75% afirmaram que sua igreja não possui, 25% diz possuir, mas não preenche suas necessidades, pois é uma programação de lazer que ocorre uma vez por mês.

Gráfico 3: Existência de um programa ou departamento de apoio às mulheres separadas – resposta das mulheres (%)



Fonte: Dados coletados pelo autor.

Foram ratificados os dados levantados pelo Ministério Apoio, SEPAL e OIKOS (ministérios interdenominacionais voltados para solteiros, separados e viúvos): 80% das igrejas no Brasil não possuem um trabalho específico para os sós (solteiros, separados e viúvos). No levantamento, constatou-se que apenas 36% deles tiveram apoio emocional adequado no momento da separação.⁶⁶ Para se ter uma ideia da importância do aconselhamento pastoral para as mulheres separadas, uma das poucas pesquisadas que recebeu apoio de seu pastor foi C. Ela tem 39 anos de idade, dois filhos, um de 23 e outro de 19 anos, viveu separada durante 17 anos, sem buscar nenhum outro relacionamento amoroso. Mora no bairro de Paripe

⁶⁶ CARVALHO, 2006.

desde sua infância. Somente em 2008, ao aconselhar-se com seu pastor e falar-lhe sobre seu sentimento de culpa, foi ajudada e incentivada a buscar uma nova caminhada em todos os sentidos da vida. Começou a acessar um computador e conheceu um homem evangélico em outro Estado. Seis meses após o primeiro contato, viajou para outro Estado e atualmente está casada com um evangélico. Disse que durante os 17 anos de separada, não obteve nenhum tipo de ajuda voltada para sua necessidade de mulher separada. C. disse ainda que se separou com 22 anos e que não conseguia mais se encontrar na classe de jovens solteiros, que enfocava muito sobre namoro e noivado. Buscou a classe de senhoras e não se sentiu bem. Elas falavam de suas relações, o que lhe causava tristeza. Sem motivação, passou a frequentar somente o culto geral. Somente aos 35 anos de idade, voltou a frequentar a classe de senhoras.

Perguntadas sobre quem as apoiou por ocasião da separação, em uma escala de 1 a 5, sendo 1 para quem mais apoiou e 5 para quem menos apoiou, pai e mãe aparecem em primeiro lugar. A seguir, em escala decrescente, figuram parentes, amigos, pastores e irmãos da igreja.

A respeito de quem tem a guarda dos filhos, uma vez que onze das doze mulheres entrevistadas tiveram filho durante o relacionamento, a resposta foi unânime: 100% ficaram com os filhos. Indagadas se esses filhos apoiam um novo relacionamento, 83% dizem que sim, 8,3% dizem que não e 8,3% dizem que agora sim, mas anteriormente não apoiava. Perguntou-se também se a igreja apoia um novo relacionamento. 83,4% dizem sentir que sua igreja apoia, enquanto 16,6% dizem que não sente apoio de sua igreja para uma nova relação.

Perguntadas se possuem emprego fixo, com a Carteira de Trabalho assinada, 83,4% dizem que não. Dentre essas, 66% trabalham como diarista (lava e passa roupa, realiza faxina em lares), vivem de ajuda dos pais, dos filhos ou da igreja, que em média não chega a um salário mínimo. Apenas 16,6% trabalham e recebem remuneração superior a dois salários mínimos. Vale ressaltar que 100% dessas mulheres, na separação, ficaram com a residência em que moravam com o cônjuge. Apenas 33% recebem pensão alimentícia do ex-marido equivalente, em média, a um salário mínimo.

Sobre o grau de escolaridade, constatou-se que 33% concluíram o Ensino Médio; 33% possuem o Ensino Fundamental completo e 33% possuem o Ensino Fundamental incompleto. Esses dados sobre emprego e escolaridade corroboram com o estudo de Sarti de que as famílias brasileiras, em sua maioria, “aponta o homem como provedor, chefe da família. A mulher é considerada responsável pela casa e por cuidar da administração do dinheiro”.⁶⁷ Quando há a separação do casal, percebe-se que mulher, por conta de seu papel de dona de casa e mãe, abdicou de seus estudos em detrimento do cuidado do lar e dos filhos. Streck afirma que este é um aspecto comum entre as famílias de baixa renda na América Latina, o “familiarismo”, ou seja, os interesses da família se sobrepõem aos interesses individuais.⁶⁸

Outro ponto significativo da pesquisa destacou que no momento da separação, quando a mulher mais precisa de apoio, são os pais e parentes que exercem um papel de apoio fundamental para elas. Streck afirma que nesses casos a rede de parentesco se torna muito forte. A solidariedade se instala na mulher separada. Os parentes tomam conta dos filhos para que as mães possam ir trabalhar. Geralmente, o irmão assume algumas despesas com os sobrinhos. A igreja (pastores e membros) é indicada como menos relevantes nesse apoio e solidariedade. Nas entrevistas realizadas, colheu-se relatos que algumas dessas mulheres têm que se defender contra as ofertas e avanços sexuais de conhecidos, amigos e vizinhos, e até de alguns homens da igreja, já que a vida nas comunidades pobres é compartilhada com a comunidade.⁶⁹

Sem a sustentação financeira dos parentes, as mulheres entrevistadas demonstraram outro dado: a necessidade de sustentação. S., uma das mulheres entrevistada, compartilha que, mesmo depois que seu companheiro abandonou o lar, continuou mantendo relações sexuais por três anos com ele. O mesmo aconteceu com H.: após 10 anos de separação de seu companheiro, ele foi morar no mesmo bairro com outra mulher, mas ainda mantém, esporadicamente, relações sexuais com a ex-cônjuge, com quem teve dois filhos. Apesar de reconhecer esta

⁶⁷ SARTI apud STRECK, 1999, p. 43.

⁶⁸ STRECK, 1999, p. 40.

⁶⁹ STRECK, 1999, p. 51.

relação como “pecaminosa”, ambas afirmam que nestas “visitas esporádicas” os ex-cônjuges deixam alguma ajuda financeira.

3.3 Considerações sobre os questionários

Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) apontam que a taxa de divórcios no Brasil subiu 200% nas duas últimas décadas. Nessa mesma pesquisa, constam as estatísticas do Registro Civil 2007. No período entre 1984 e 2007, o índice passou de 0,46 para 1,49 divórcios para cada grupo de mil habitantes. Em números absolutos, os divórcios concedidos passaram de 30.847, em 1984, para 179.342, em 2007. Considerando a soma de divórcios diretos sem recursos e as separações, o IBGE aponta que houve cerca de 230 mil dissoluções de uniões estáveis no país, o que significa, aproximadamente, a ocorrência de uma separação para cada quatro casamentos. A análise do IBGE aponta também que a elevação da taxa no período considerado revela uma mudança paulatina no comportamento da sociedade, que passou a aceitar o divórcio, instituído por lei em 1977, com naturalidade.⁷⁰

Se considerarmos ainda que as populações de baixa renda, em sua maioria, vivem maritalmente, têm acesso restrito à justiça e ao apoio jurídico para um processo de divórcio, é provável que o número de separações em Paripe, na condição de bairro periférico, seja bem maior do que a média do país.

Diante deste quadro, percebe-se que as igrejas batistas do bairro de Paripe não oferecem apoio, nem possuem programas que venham a atender as necessidades das mulheres batistas separadas de baixa renda do bairro.

Sreck apresenta um caso semelhante detectado também nas comunidades pobres de Fortaleza/CE que não tinham programas que viessem a atender suas carências. Desenvolveu-se um modelo de aconselhamento pastoral em que são treinadas lideranças leigas para o aconselhamento nas comunidades carentes. O modelo tem por base desenvolver uma rede de apoio comunitária que ajude a

⁷⁰ INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA ESTATÍSTICA. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=752>. Vários acessos.

resgatar a identidade das pessoas. A experiência tem mostrado que os melhores terapeutas/aconselhadores são as pessoas da própria comunidade.⁷¹

O fato de o pesquisador ser um dos pastores da localidade gerou inicialmente uma inibição nas mulheres entrevistadas em compartilhar as deficiências de suas respectivas igrejas. Inibição essa que foi minimizada a partir da interferência de outras entrevistadas.

Outro fator negativo detectado foi o distanciamento entre as igrejas batistas, mesmo sendo estas da mesma fé e ordem, porém sem nenhum vínculo. Tal característica é inibidora inicialmente a uma ação conjunta entre essas agências religiosas.

⁷¹ STRECK, 1999, p. 133.

4 REDE DE APOIO SOCIAL COMO ALTERNATIVA PARA MULHERES SEPARADAS DE BAIXA RENDA

Schneider-Harpprecht afirma que nas igrejas evangélicas há quatro tipos de aconselhamento: a) o fundamentalista, de Jay Adams, que visa o aconselhamento centrado na Bíblia como única forma de salvação e rejeita toda perspectiva psicológica; b) o evangelical da psicologia pastoral, integrando a psicologia com a teologia, caracterizando-se por um modelo “psicoteológico”; c) o modelo holístico de Clinebell, baseado na libertação e crescimento, em uma visão holística da pessoa criada à imagem e semelhança de Deus e, conseqüentemente, através de Cristo alcança uma vida abundante; d) o modelo contextual, que apresenta um aconselhamento em grupos que se unem para apoiar-se mutuamente em prol de uma causa: sem-terras, mulheres, pobres, etc.⁷²

Face ao exposto na pesquisa de campo, vislumbrou-se como uma alternativa para o aconselhamento de mulheres batista de baixa renda em Paripe um trabalho baseado no último modelo apresentado e sua similaridade com uma Rede de Apoio social.

4.1 Definição

Elkaim define Rede social como um grupo de pessoas, vizinhos, amigos ou familiares, irmãos de igreja ou colegas de trabalho capacitados para oferecer ajuda real e duradoura a um indivíduo ou família.⁷³ Para Giongo, rede social é um grupo de pessoas importantes uma para as outras que, ao se relacionarem entre si e com outros grupos significativos, tendem a potencializar os meios que possuem.⁷⁴

Rede de apoio social é um dos recursos mais utilizados na América Latina para a inclusão dos menos favorecidos. Não com o nome de rede de apoio social, mas no Brasil configurou-se uma dinâmica alternativa de articulação social, estratégias e táticas que podem ser consideradas como similares às de rede de apoio social. Essas formas diversificadas de redes de apoio acontecem no cotidiano

⁷² SCHNEIDER-HARPPRECHT, 2005, p. 302-309.

⁷³ ELKAIM apud GIONGO, Cláudia Deitos. Tecendo relações: o trabalho com famílias na perspectiva de redes sociais. In: SCHEUNEMANN, Arno. V.; HOCH, Lothar Carlos. (Orgs.). *Redes de apoio na crise*. São Leopoldo: EST/ABAC, 2003. p. 19.

⁷⁴ GIONGO, 2003, p. 19.

das comunidades de baixa renda no contexto brasileiro. Elas nem sempre ocorrem de forma intencional, sendo, muitas vezes, formas voluntárias e emergenciais para enfrentamento dos problemas.⁷⁵

Considerando-se que as redes são, em geral, informais, temporárias e mutáveis por sua própria constituição, Santos diz que os atores sociais que dela fazem parte podem contribuir com sua ampliação ou integração. A rede de apoio e acolhimento para os diversos grupos da igreja, não somente mulheres separadas, mas jovens e idosos, é um instrumento importante e significativo para a igreja e para o pastor/aconselhador.⁷⁶

No Brasil, a partir da década de 1990, os grupos deixaram de se articular por área, classe ou qualquer outro tipo de articulação rígida. O contrato de engajamento dá-se através das minorias (índios, negros, mulheres) que se unem para lutar contra as diversas formas de discriminação a que são submetidas. As mulheres separadas de baixa renda incluídas neste universo também buscam refugio nas redes de apoio social.⁷⁷

O apoio social é definido como sendo qualquer informação ou auxílio material oferecidos por grupos ou pessoas que se conhecem, resultando em efeitos emocionais ou comportamentos positivos. Trata-se de um processo recíproco que gera efeitos positivos tanto para quem recebe quanto para quem oferece o apoio, permitindo que ambos tenham mais sentido de controle sobre suas vidas e que desse processo se apreenda que as pessoas necessitam umas das outras.⁷⁸

Analisando as redes sociais, Wong Un defende que sua abordagem parte da imagem da rede, ou teia, em que as pessoas ou organizações seriam os nós do tecido, e os fios são as relações que acontecem entre estes elementos. Em uma

⁷⁵ DAVID, Helena M. S. L. *Religiosidade e cotidiano das agentes comunitárias de saúde: repensando a educação em saúde junto às classes populares*. 2001. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação ENSP-FIOCRUZ, Rio de Janeiro, 2001.

⁷⁶ SANTOS, Boaventura de Sousa. *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

⁷⁷ SCHEUNEMANN, Arno. Crises pessoais: sua interface com as novas articulações sociais e o aconselhamento como empoderamento em redes sociais de apoio, significado, serviço e trabalho. In: SCHEUNEMANN, Arno. V.; HOCH, Lothar Carlos. (Orgs.). *Redes de apoio na crise*. São Leopoldo: EST/ABAC, 2003. p. 11-30.

⁷⁸ MINKLER apud VALLA, Victor Vincet. Redes sociais: poder e saúde à luz das classes populares numa conjuntura de crise. *Interface Comunicação, Saúde, Educação*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 7, p. 37-56, 2000.

visão da complexidade, reconhece que a rede apresenta peculiaridades próprias que não estão presentes em cada elemento isolado, ou seja, a rede de apoio é maior do que a soma das partes, existindo fluxos de informações, experiências, ideias, estabelecendo diálogos e processos de construção mútua.⁷⁹ Giongo diz que rede social traz consigo a ideia de relações horizontais, ou seja, de pessoas com as mesmas carências, de interdependência e complementaridade. As redes sociais são feitas de relações sociais solidárias, em que as pessoas comuns, grupos e comunidades desenvolvem buscas e experiências solidárias.⁸⁰

A rede de apoio estabelece um relacionamento de igualdade e participação, no qual todas as partes são beneficiadas, na medida em que dão e recebem, e as pessoas se desenvolvem ao descobrir no grupo o que é solidariedade, o que não é encontrado em outros grupos. Estas redes são dinâmicas, temporárias, frágeis, mutáveis, mas, ao mesmo tempo, são sistemas auto-organizados dos quais surgem alternativas, táticas e estratégias para enfrentamento coletivo dos problemas. Santos defende que novos grupos de apoio de pessoas com as mesmas necessidades são os únicos suscetíveis de fundar uma nova cultura política e, em última instância, uma nova qualidade de vida pessoal e coletiva,⁸¹ na busca de independência financeira e no autogoverno, no cooperativismo e na produção socialmente útil.

Elas cumprem o objetivo de proporcionar segurança e bem-estar frente a determinada configuração cultural adversa. Nestas redes, os sentimentos mais fortes são aqueles relacionados à comunhão e à solidariedade, no sentido de proteção.

Segundo Kleinmann, a rede de apoio social envolve dois níveis: o formal, constituído pelos profissionais envolvidos com as redes; e o informal, do qual fazem parte familiares, vizinhos, membros de uma igreja, etc. Estes níveis estão claramente implicados na construção cotidiana dos itinerários terapêuticos.⁸²

⁷⁹ WONG UN, Julio Alberto. *Visões de Comunidade na Saúde: comunalidade, interexistência e experiência poética*. 2002. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação ENSP-FIOCRUZ, Rio de Janeiro, 2002.

⁸⁰ GIONGO, 2003, p. 20.

⁸¹ SANTOS, 2001.

⁸² KLEINMANN apud OLIVEIRA, Maria Luiza Silva; BASTOS, Ana Cecília de Sousa. Práticas de atenção à saúde no contexto familiar: um estudo comparativo de casos. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, Porto Alegre, v. 13, n. 1, 2000.

Na realidade socioeconômica dos países em desenvolvimento, as redes de apoio social são, com frequência, a única possibilidade de ajuda com que as famílias empobrecidas podem contar, além de serem o único suporte para ajudar a aliviar as cargas da vida cotidiana.⁸³ As famílias de classes populares dispõem de uma ampla rede de apoio social, composta de amigos, vizinhos e irmãos de religião. Esta rede funciona para quase todas as situações, desde as tarefas mais simples até a ajuda financeira e mão de obra para reformar a casa.⁸⁴ Esta é uma perspectiva em que as redes funcionam no sentido de suprir deficiências deixadas pela igreja. Rubem Alves destaca que há uma dificuldade no estabelecimento de um vínculo mais forte nos relacionamentos das pessoas na igreja, já que o número de membros é grande e são vários cultos por dia, e também, na maioria das vezes, os membros frequentam apenas uma vez por semana, o que dificulta a possibilidade do encontro frequente dos mesmos membros, e, conseqüentemente, a proximidade.⁸⁵

4.2 Rede de apoio de mulheres

As mulheres separadas, ao contrário dos homens, de uma forma geral, têm uma característica peculiar: geralmente buscam outras fontes de apoio que não novos relacionamentos afetivos. Giusti afirma que separados são objeto de juízo até por velhos amigos, juízos alimentados por medos profundos e inconscientes. A mulher separada não se sente à vontade com casais de amigos anteriores e tendem a se sentir excluída e marginalizada. Além do que sua problemática não pode ser compreendida por aqueles que não vivenciaram a experiência de ser só, e tão pouco desejam conhecê-la.⁸⁶

Segundo Carter e McGoldrick, com o fim do relacionamento, a tendência masculina é se voltar para outras mulheres em busca de um novo relacionamento conjugal que possa apoiá-los, enquanto as mulheres buscam apoio de outras mulheres amigas. As amigas estimulam a autoestima e permitem, na maioria das

⁸³ ANDRADE, Gabriela R. B.; VAITSMAN, Jeni. Apoio social e redes: conectando solidariedade e saúde. *Ciência e Saúde Coletiva*, São Paulo, v. 7, n. 4, 2002.

⁸⁴ OLIVEIRA, Maria Luiza Silva; BASTOS, Ana Cecília de Sousa. Práticas de atenção à saúde no contexto familiar: um estudo comparativo de casos. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, Porto Alegre, v. 13, n. 1, 2000.

⁸⁵ ALVES, Rubem. *Dogmatismo e tolerância*. São Paulo: Paulinas, 1982. p. 51-52.

⁸⁶ GIUSTI, 1987, p. 58.

vezes, um período de crescimento pessoal. Geralmente essas amigas são outras mulheres separadas.⁸⁷

A busca por este apoio atualmente é vista como uma forma de mulheres, grupos de mulheres separadas e outras classes populares se defenderem da conjuntura de precariedade que tende a excluí-las, ou incluí-las de forma desumana e desigual. Rocca diz que a forma como se defendem essas mulheres é algo evidente na humanidade. O ser humano, de forma geral, é mais capaz de desenvolver suas aptidões, quando tem consciência de que por trás de suas ações existe um lastro de segurança formado por uma ou mais pessoas.⁸⁸

A ideia de rede social para as mulheres encontra registro ao longo da história. Gambaroff afirma que, em outros tempos, as mulheres eram treinadas em grupos para desempenhar seus papéis. Aprendiam junto o que significava ser mulher em sua cultura. Esse aprendizado era feito em um tipo de casa de mulheres ou salas de fiação em aldeias, o que não existe mais. Independente do assunto, a experiência da autora, com relação a encontro de mulheres, apresenta duas características básicas em suas conversações: como enfrentar seus problemas e que decisão tomar no futuro.⁸⁹ Com uma visão relacionada ao terceiro milênio, Boff diz que este tempo aponta para uma forte e intensa necessidade de refletir e compartilhar as esperanças e angústias que leva a falar de solidariedade entre mulheres através de diferentes formas de presença e de atuação concreta. Uma dessas formas é a de ser presente, ativa e solidária, ao lado de outras mulheres que clamam por liberdade. Essas mulheres não se libertam sozinhas, mas há liberdade juntando-se com outras mulheres.⁹⁰

4.3 Rede de apoio e resiliência

Em todas estas coisas, porém, somos mais que vencedores, por meio daquele que nos amou. Porque eu estou bem certo de que nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem as coisas do presente, nem do porvir, nem os poderes, nem a altura, nem a profundidade, nem qualquer outra criatura poderá separar-nos do amor de Deus, que está em Cristo Jesus, nosso Senhor (Rm 9.37-38).

⁸⁷ CARTER; MCGOLDRICK, 2001.

⁸⁸ ROCCA, Susana. *Sufrimento, resiliência e fé* (Org.). São Leopoldo: Sinodal, 2007. p. 16.

⁸⁹ GAMBAROFF, Marina. *Utopia da fidelidade*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

⁹⁰ BOFF, Lina. *A vida religiosa em ritmo de terceiro milênio*. Petrópolis: Vozes, 2002.

A rede de apoio tem em seu bojo um importante fator preponderante para o trabalho com mulheres separadas de baixa renda, populações de pobres em geral que se difunde e ecoa fortemente na América Latina, resiliência. Este conceito corresponde à capacidade humana para enfrentar, vencer e sair fortalecido ou transformado por experiências de adversidades e retornar de forma positiva ao seu desenvolvimento, embora transformado pela experiência sofrida. Hoch diz que, em sua compreensão, “resiliência é a capacidade humana de extrair do íntimo do seu ser uma reserva extra de forças para superar dificuldades”.⁹¹ Os conceitos caracterizam a resiliência como necessária para a existência da adaptação positiva. O interessante é que o conceito de resiliência foi aplicado em todo o mundo, mas foi exatamente nas zonas mais miseráveis dos países em desenvolvimento que o conceito tornou-se mais útil, exatamente pela falta de recursos destes, no qual se incluiu as mulheres que enfrentaram uma separação conjugal.

O fortalecimento das redes sociais aponta para uma revalorização do trabalho em comunidade e, com ele, as ideias de igualdade e de solidariedade. Isso implica uma necessidade da igreja de fundar uma nova cultura política, em que os líderes (pastores) se sentirão motivados a trabalhar princípios e ideias comuns.

Trazendo para o campo de ação em questão, das mulheres evangélicas separadas do bairro de Paripe, uma problematização comum existente, dentre outras, seria a discussão sobre a gravidez gerada por militares da Marinha do Brasil que as conhecem e se relacionam sexualmente, gerando filhos sem o reconhecimento paterno. Nem sequer pensões alimentícias são requeridas por elas em virtude desses militares serem movimentados constantemente para outro Estado, passando apenas um período de dois a três anos em Salvador. Um trabalho da rede social voltado para a consciência de seus direitos poderia ser a base do resgate da autoestima dessas mulheres.

4.4 Rede de apoio e empoderamento

Porque o poder se aperfeiçoa na fraqueza. De boa vontade, pois, mais me gloriarei nas fraquezas, para que sobre mim repouse o poder de Cristo. Pelo

⁹¹ HOCH, Lothar Carlos. Sofrimento, resiliência e fé na Bíblia. In: HOCH, Lothar Carlos; ROCCA, Susana M. L. (Orgs.). *Sofrimento, resiliência e fé: implicações para as relações de cuidado*. São Leopoldo: Sinodal, 2007. p. 72.

que sinto prazer nas fraquezas, nas injúrias, nas necessidades, nas perseguições, nas angústias, por amor de Cristo. Porque, quando sou fraco, então, é que sou forte (2Co 12.09-10).

Outro conceito importante na rede social para as mulheres separadas de baixa renda é o de empoderamento. Para que as redes de apoio possam atuar, é necessário que a autonomia dos sujeitos que a compõem seja reconhecida em sua potencialidade e consolidada por um processo denominado empoderamento.

O conceito de empoderamento tem sido examinado por diversos ângulos e áreas profissionais, recebendo uma infinidade de definições e cobrindo diferentes dimensões: individual, organizacional e comunitária. O “empowerment” é definido por Pinto como um processo de reconhecimento, criação e utilização de recursos e de instrumentos pelos indivíduos, grupos e comunidades, em si mesmos e no meio envolvente, que se traduz em um acréscimo de poder – psicológico, sociocultural, político e econômico – que permite a estes sujeitos aumentar a eficácia do exercício de sua cidadania.⁹²

Como processo e resultado, o empoderamento é visto como emergindo em uma ação social, na qual os indivíduos tomam posse de suas próprias vidas pela interação com outros indivíduos, gerando pensamento crítico em relação à realidade, favorecendo a construção da capacidade social e pessoal e possibilitando a transformação de relações de poder. No nível individual, refere-se à habilidade das pessoas em ganhar conhecimento e controle sobre forças pessoais, sociais, econômicas e políticas para agir na direção da melhoria de sua situação de vida.⁹³

O empoderamento atua tanto no desenvolvimento da capacidade de participação coletiva, reforçando a participação comunitária, quanto no desenvolvimento de habilidades pessoais, sendo também usado, segundo Teixeira e Leão, como sinônimo para habilidades de enfrentamento, suporte mútuo, organização comunitária, sistema de suporte, participação da vizinhança, eficiência pessoal, competência, autoestima e autossuficiência.⁹⁴ A atuação dos

⁹² PINTO, Carla. Empowerment: uma prática do serviço social. In: PINTO, Carla. *Política social*. Lisboa: ISCSP, 1998.

⁹³ ANDRADE; VAITSMAN, 2002.

⁹⁴ TEIXEIRA, Mirna Barros; LEÃO, Selma de Souza. *Empoderamento como estratégia de promoção da saúde no campo do envelhecimento*. Disponível em: <<http://www..sbgg-rj>>. Acesso em: 18 out. 2009.

pastores/pastoras envolvidos com as redes de apoio deve ser pautada por esses princípios, subsidiando a população e fornecendo informações para que ela se torne mais eficiente em suas reivindicações. Pedro Demo afirma que a cidadania é a competência humana de fazer-se sujeito, para fazer história própria e coletivamente organizada.⁹⁵

Zarco chama a atenção para o fato de que o fortalecimento da autonomia – empoderamento – oferece um horizonte de esperança e afirmação à população empobrecida, em torno da qual as redes de apoio social se organizam. No mesmo processo em que as redes contribuem com o fortalecimento dos sujeitos através da construção da autonomia, também se fortalecem enquanto coletivo, enquanto teia de relações e de interações, em que a solidariedade, o apoio mútuo e a reciprocidade vão apertando os nós destas redes.

No nível individual, refere-se à habilidade das pessoas em ganhar conhecimento e controle sobre forças pessoais, sociais, econômicas e políticas para agir na direção da melhoria de sua situação de vida. Pinto destaca a importância que os movimentos de autoajuda tiveram para a abordagem de “empowerment”. Segundo a autora, os princípios defendidos por estes movimentos de confiança nas capacidades internas dos indivíduos, na participação e organização voluntária dos grupos de autoajuda, na importância de os indivíduos terem controle sobre sua própria vida e a importância das redes de apoio foram trabalhados e incorporados no processo de “empowerment”.⁹⁶

A igreja tem negligenciado essa convivência social. Kleper reforça este argumento ao revelar que uma ONG que cuida de mulheres vítimas de violência doméstica possui 90% de suas clientes entre as mulheres evangélicas, o que demonstra que igrejas evangélicas deixam a desejar no que tange ao compartilhar de sofrimento, hoje preenchido por outras instituições.⁹⁷ A Palavra de Deus deve ser acompanhada pela ação solidária da igreja.

⁹⁵ DEMO, Pedro. *Cidadania tutelada e cidadania assistida*. Campinas: Autores Associados, 1995. p. 171.

⁹⁶ PINTO, 1998, p. 247-264.

⁹⁷ KLEPER, Karl. *Neuroses eclesíásticas*. São Paulo: Arte Editorial, 2009. p. 37.

Depreende-se do que foi exposto que as redes de apoio social podem servir como espaços de empoderamento aumentando o senso de autoestima, de forma a incentivar o exercício da cidadania humana e divina. O envolvimento das mulheres em tarefas, seja em trabalhos evangelísticos seja em trabalhos sociais, é um fator importantíssimo para a autoestima e tende a ser uma alternativa para a igreja.

4.5 Os papéis do pastor/aconselhador no aconselhamento de mulheres evangélicas de baixa renda

E o que de minha parte ouviste através de muitas testemunhas, isso mesmo transmite a homens fiéis e também idôneos para instruir a outros (2 Tm 2:2.).

A crise da pastoral tradicional levou a igreja a perceber que sem uma identificação com o meio, sem um diálogo com as necessidades e perguntas do ser humano de hoje, toda pastoral, inclusive o aconselhamento, torna-se inoperante. O fator tempo também contrapõe a pastoral tradicional. Diz Auger que, a despeito do grande desenvolvimento tecnológico que se desfruta hoje, os profissionais incumbidos de ajuda, seja pelo Estado, sejam por organismos particulares, têm pouco tempo para uma relação efetiva de ajuda. O pastor não é uma exceção a esta regra. Ele carece de estratégias eficazes que venham a atender a demanda não somente de seu rebanho, mas também dos que o procuram.⁹⁸

Rubem Alves diz que as marcas da igreja, em sua convicção pessoal, devem ser éticas e não formais, doutrinárias ou institucionais. Elas necessariamente devem estar ligadas à qualidade de vida que a comunidade produz.⁹⁹ Neste contexto, entendemos que o aconselhamento pastoral deve estar voltado para as necessidades da comunidade. Paulo Freire diz que o papel da liderança deve ser motivar a buscar a solução. Esta busca deve evitar o risco dos dirigismos “antidialógicos”, uma das principais falhas que a liderança comete, ou seja, não levar em conta a visão do mundo que o povo tem.¹⁰⁰

Dentro de uma visão de rede de apoio social, o pastor/aconselhador teria outro papel. Ele deve dirigir seus esforços para treinar os membros para que

⁹⁸ AUGER, 1977, p. 91.

⁹⁹ ALVES, 1982, p. 52.

desenvolvam seus dons espirituais, a fim de ministrarem uns aos outros e desenvolverem, eles próprios, seu ministério de poimênica para um aconselhamento mais eficaz na direção de um alvo comum. Diante dessa realidade, o papel pastoral consiste em uma supervisão não tanto presencial. A rede de apoio social permite que pessoas com as mesmas dificuldades se reúnam frequentemente sob a supervisão do pastor/aconselhador.

Cabe aos pastores/aconselhadores envolvidos nesse processo subsidiar as ações dos grupos que possuem as mesmas necessidades e tentar articular os diversos sujeitos que deles participam, facilitando reflexões e discussões com vistas à autonomia. Kornfield afirma que somente em um grupo que apresente uma mesma demanda há oportunidade de se fazer uma análise honesta sobre sua história de vida.¹⁰¹

Clinebell diz que o papel do pastor consiste em treinar, inspirar e supervisionar as pessoas leigas em seu ministério de poimênica.¹⁰² Aponta para a necessidade de treinamento de pessoa do mesmo sexo, o que facilita a interação do grupo. Os pastores (do sexo masculino) precisam reconhecer que sua capacidade de facilitar o crescimento psicológico e espiritual no aconselhamento de mulheres possui limitações inerentes. Tendo sido socialmente programadas para serem dependentes dos homens, as aconselhadas criam fortes laços de dependência com figuras masculinas de autoridade religiosa e tentam agradá-las. O pastor constituirá um obstáculo para que a mulher desenvolva plenamente suas forças e persiga sua busca espiritual autônoma.¹⁰³

O obreiro comprometido com a metodologia bíblica precisa capacitar as pessoas a desenvolver as potencialidades que lhes foram dadas por Deus. O apóstolo Paulo já apontava naquela época para uma distribuição de tarefas por parte dos líderes nas diversas áreas de necessidades da igreja. Nelson Kilpp afirma que o desprezo é o problema central da comunidade cristã com os pobres. Ele ainda destaca que o maior incômodo do morador de bairro pobre é o descaso e a humilhação, mais até do que a fome e suas necessidades básicas. Desprezo e

¹⁰⁰ FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança*. 10. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

¹⁰¹ KORNFIELD, 2000, p. 17.

¹⁰² CLINEBELL, 1998.

¹⁰³ CLINEBELL, 1998, p. 66-67.

humilhação não se caracterizam apenas pela falta de trabalho do pastor/aconselhador, mas também em não buscar formas alternativas eficazes.¹⁰⁴ A maior lição que ficou do milagre da multiplicação dos pães feita por Jesus (Mc 6.41; 8.6) é “que a abundância das sobras mostra a eficácia da partilha”.¹⁰⁵ A generosidade dos outros seres humanos é estimulada pela solidariedade da igreja de Cristo. Cabe ao pastor orientar seu rebanho no sentido de promover a comunhão, treinamento e aconselhamento de leigos para atender a sua própria demanda. Costas afirma:

o signo de esperança para o mundo que provê o Espírito na comunidade eclesial se confirma no serviço libertador do povo de Deus em favor da humanidade. Falar de esperança para um novo mundo, sem participar em esforços concretos para fazer desse mundo um melhor lugar de vida, é negar essa mesma esperança.¹⁰⁶

A igreja primitiva era prática:

Da multidão dos que creram era um o coração e a alma. Ninguém considerava exclusivamente sua nenhuma das coisas que possuía; tudo, porém, lhes era comum. Com grande poder, os apóstolos davam testemunho da ressurreição do Senhor Jesus, e em todos eles havia abundante graça. Pois nenhum necessitado havia entre eles, porquanto os que possuíam terras ou casas, vendendo-as, traziam os valores correspondentes e depositavam aos pés dos apóstolos; então, se distribuía a qualquer um à medida que alguém tinha necessidade (At. 4.32-35).

¹⁰⁴ KILPP, Nelson. *Espiritualidade e compromisso*. São Leopoldo: Sinodal, 2008. p. 77.

¹⁰⁵ CAMACHO, F.; MATEOS, J. *Jesus e a sociedade do seu tempo*. São Paulo: Paulinas, 1992. p. 135.

¹⁰⁶ COSTAS, Orlando E. *Evangelización contextual: fundamentos teológicos e pastorales*. San José: Sebila, 1986. p. 80.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As igrejas Batistas de Paripe precisam ser alertadas para a necessidade de a comunidade encarar a separação como um fenômeno atual e não como uma realidade residual. Os resultados obtidos na pesquisa se tornarão uma fonte de dados para consulta, para que, a partir deste momento, pessoas interessadas sobre o assunto possam contar com resultados para novos embasamentos e fundamentações. Ao concluir a pesquisa, detectou-se a necessidade de se realizar um trabalho mais apropriado para as necessidades dessas mulheres. Diante do resultado apresentados na pesquisa, apresentamos algumas sugestões possíveis de serem implantadas, objetivando minimizar as dificuldades elencadas das mulheres batistas separadas do bairro de Paripe:

1. Oferecer assistência jurídica a essas pessoas divorciadas para que possam efetivamente se desligar dos relacionamentos anteriores, buscar novo relacionamento conjugal e assim considerarem-se aptas para congregar em uma igreja sem nenhum tipo de restrição ou preconceito;

2. Formar parcerias com faculdades, Ordem dos Advogados (OAB) e entidades afins, com o objetivo de oferecer assistência jurídica para proporcionar melhores condições de vida na medida em que o ex-companheiro possa contribuir para o sustento dos filhos e permitir uma vida mais digna;

3. Criar grupos de rede de apoio e assistência para pessoas separadas com a finalidade de atingi-las em áreas específicas (espiritual, emocional e social), possibilitando comunhão e interação entre as pessoas. Nem mesmo uma quantidade pequena de mulheres separadas por igreja não pode ser empecilho para formação de grupos de apoio. Deve-se buscar um trabalho cooperativo entre as cinco igrejas batistas filiadas à Convenção Batista Brasileira;

4. Incentivar as mulheres a concluir o Ensino Fundamental e Médio, com o objetivo de inseri-las no mercado de trabalho, bem como ajudar na autoestima na busca de novas convivências sociais. Gerar programas que orientem concretamente as mulheres, criando principalmente cursos de formação em áreas de trabalho não convencionais;

5. Oferecer através do Centro Comunitário da igreja cursos diversos (customização, culinária, biscoito, etc) às mulheres, para que elas sirvam também como ajudadoras da comunidade em que fazem parte, tornando-se úteis e produtivas;

6. Desenvolver na igreja programas que enriqueçam os relacionamentos e promovam a cura. Promover um ambiente alegre. Oferecer palestras sobre temas pertinentes a esse público alvo. Buscar a possibilidade de se construir para as mulheres separadas de Paripe uma teologia relevante e que venha de uma experiência entre os pobres, fazendo uma releitura do evangelho a partir dessas mulheres, traçando um paralelo entre elas e as experiências de Jesus com os primeiros discípulos. Parafraseando o apóstolo Tiago: tem alguém alegre na igreja? Cante com este irmão. Tem alguém doente? Vamos juntar com os líderes da igreja e orarmos por ele.

Finalizo sonhando a igreja que pastoreio como comunidade terapêutica. Não atribuo comunidade terapêutica a um rótulo que se possa colocar na fachada do templo ao lado do nome igreja batista, mas voltada para sua missão integral. Aliás, creio que a expressão Evangelho Integral é redundante, porque o Evangelho que Jesus nos ensinou é completo. Os discípulos entenderam sem sombra de dúvidas o propósito de Jesus. O livro de Atos é a prova cabal disso quando relata que a comunidade dos cristãos primitivos repartia seus bens e os membros iam de casa em casa, possuindo tudo em comum. Em decorrência dessa vivência teológica mais atrelada à vida, ao humano, tem como consequência a concepção de um Deus que não é um ponto fixo e distante da história.

É um equívoco se pensar que essa igreja comunidade terapêutica inviabiliza o sonho de um pastor de pastorear uma igreja numerosa. A igreja precisa conhecer as necessidades e características daqueles que chegam à comunidade. A igreja local é responsável pela saúde integral de seus membros, e não apenas por sua vida espiritual, como muitos pensam.

A igreja, como comunidade terapêutica, põe fim na concepção equivocada de que se alguém tem problemas físicos precisa ir ao médico; se o problema é psicológico, tem que ir ao psicólogo; se são problemas espirituais, precisa ir à igreja.

Este dualismo (corpo e espírito) prejudicou o cuidado integral da pessoa. Também sucumbiu a visão de missão integral e de proclamar a verdadeira 'salvação' de pessoas.

Como já vimos anteriormente, a salvação de Deus alcança o ser humano em sua totalidade, e não apenas espiritualmente. É preciso repensar as formas de acolhimento que são oferecidas na igreja aos que chegam. A igreja é um lugar de pessoas salvas do pecado, mas aberta a todo pecador que precisa de ajuda. Na Palavra de Deus, há cerca de trinta mandamentos que caracterizamos como horizontais, ou seja, do ser humano para com seu semelhante, "uns aos outros". Todos eles têm a ver com o relacionamento: alguns para gerar, outros para proteger, outros para restaurar os relacionamentos. Quando vividos no contexto da igreja local, tais mandamentos produzirão libertação e cura para muitos.

A igreja localizada em áreas de pessoas menos favorecidas como Paripe deve ter consciência de que sua característica deve ser a de uma comunidade ajudadora, que aperfeiçoa o potencial de crescimento de seus membros, proporcionando a seus membros e aos que a procuram o apoio para libertação de muitas situações que impedem o crescimento socioeconômico e espiritual. Ao oferecer um ambiente de comunhão, amor, serviço e crescimento, a igreja estará dando passos em direção ao cumprimento de sua vocação terapêutica. Nossas necessidades mais profundas deveriam ser supridas na igreja, a partir de relacionamentos saudáveis entre seus membros.

A igreja relacional tornar-se-á o modelo de igreja de Jesus para a presente geração. Creio que esse trabalho foi mais um instrumento de Deus para levar a reflexão sobre o papel de pastor na transformação da igreja local em comunidade terapêutica.

REFERÊNCIAS

- ACURI, Irene Gaeta; LOPEZ, Marília Ancona (Orgs.). *Temas em Psicologia da Religião: aconselhamento terapêutico: origens, fundamentos e prática*. São Paulo: Vetor, 2007.
- ADAMS, Jay. *Conselheiro capaz*. São Paulo: Fiel, 1977.
- ALVES, Rubem. *Dogmatismo e tolerância*. São Paulo: Paulinas, 1982.
- ANDRADE, Gabriela R. B.; VAITSMAN, Jeni. Apoio social e redes: conectando solidariedade e saúde. *Ciência e Saúde Coletiva*, São Paulo, v. 7, n. 4, 2002.
- ARENS, Eduardo. *Ásia Menor nos tempos de Paulo, Lucas e João*. São Paulo: Paulus, 1997.
- AUGER, Lucien. *Comunicação e crescimento pessoal: a relação de ajuda*. 4. ed. São Paulo: Loyola, 1977.
- AZPITARTE, Eduardo L. *Ética da sexualidade e do matrimônio*. São Paulo: Paulus, 1997.
- BALTODANO, Sara. *Psicología, pastoral y pobreza*: San José: Universidad Bíblica Latinoamericana, 2003.
- BAPTISTA, Mônica. Pastoras ainda sofrem preconceitos nas igrejas da Reforma. *SRZD-Fé*. Disponível em: <<http://www.sidneyrezende.com/noticia/32345>>. Vários acessos.
- BARRO, Antonio Carlos. Disponível em: <<http://www.ejesus.com.br/exibe.asp?id=22912008>>. Diversos acessos.
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BESSA, Daniela B. (Org.). *Sofrimento, resiliência e fé*. São Leopoldo: Sinodal, 2007.
- BOFF, Lina. *A vida religiosa em ritmo de terceiro milênio*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- BONHOEFFER, Dietrich. *Vida em comunhão*. São Leopoldo: Sinodal, 2001.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, 05 out. 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm>. Acesso em: 23 fev. 2010.

CAMACHO, F.; MATEOS, J. *Jesus e a sociedade do seu tempo*. São Paulo: Paulinas, 1992.

CARREZ, Mauricie. *A Primeira Carta aos Coríntios*. São Paulo: Paulinas, 1996.

CARTER, Betty; MCGOLDRICK, Mônica. *As mudanças no ciclo de vida familiar*. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2001.

CARVALHO, Celso. Como vai essa gente só? *Revista Enfoque Gospel*, n. 64, nov. 2006, matéria 579. Disponível em: <<http://www.revistaenfoque.com.br/index.php?edicao=64&materia=579>>. Acesso em: 10 mar. 2010.

CESAR, Waldo; SHAULL, Richard. *Pentecostalismo e futuro das igrejas cristãs: promessas e desafios*. Petrópolis: Vozes; São Leopoldo: Sinodal, 1999.

CLINEBELL, Howard J. *Aconselhamento Pastoral: modelo centrado em libertação e crescimento*. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal, 1998.

COLINS, Gary R. *Aconselhamento cristão*. São Paulo: Vida Nova, 2004.

COLLINS, G. R. *Aconselhamento cristão: edição século 21*. São Paulo: Vida Nova, 2004.

COSTAS, Orlando E. *Evangelización contextual: fundamentos teológicos e pastorales*. San José: Sebila, 1986.

DAVID, Helena M. S. L. *Religiosidade e cotidiano das agentes comunitárias de saúde: repensando a educação em saúde junto às classes populares*. 2001. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação ENSP-FIOCRUZ, Rio de Janeiro, 2001.

DEMO, Pedro. *Cidadania tutelada e cidadania assistida*. Campinas: Autores Associados, 1995.

- FARIA, A. L. Implicações psicológicas da tarefa pastoral. In: LISBOA, A. H. (Org.). *Saúde pastoral e comunitária*. 2. ed. São Paulo: CPPC, 1985.
- FERNANDES, Marcelo. "Somos evangélicos, mas ele me espanca". *Eclésia*, São Paulo, ed. 117, p. 50-53, 2008.
- FIORENZA, Elisabeth S. *As origens cristãs a partir da mulher*. São Paulo: Paulinas, 1992.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança*. 10. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.
- FREUD, Sigmund. *O futuro de uma ilusão: o mal-estar na civilização*. Rio de Janeiro: Imago. v. XXI.
- GAEDE NETO, Rodolfo. *A diaconia de Jesus*. São Leopoldo: Sinodal, 2001.
- GAMBAROFF, Marina. *Utopia da fidelidade*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.
- GIL, Antonio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Atlas, 1999.
- GIONGO, Cláudia Deitos. Tecendo relações: o trabalho com famílias na perspectiva de redes sociais. In: SCHEUNEMANN, Arno. V.; HOCH, Lothar Carlos. (Orgs.). *Redes de apoio na crise*. São Leopoldo: EST/ABAC, 2003.
- GIUSTI, Edoardo. *A arte de se separar*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.
- HOCH, Lothar Carlos. Sofrimento, resiliência e fé na Bíblia. In: HOCH, Lothar Carlos; ROCCA, Susana M. L. (Orgs.). *Sofrimento, resiliência e fé: implicações para as relações de cuidado*. São Leopoldo: Sinodal, 2007.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA ESTATÍSTICA. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=752>. Vários acessos.
- KILPP, Nelson. *Espiritualidade e compromisso*. São Leopoldo: Sinodal, 2008.
- KIVITZ, Ed René. *Quebrando paradigmas*. 2 ed. São Paulo: Abba, 1997. KLEPER, Karl. *Neuroses eclesíásticas*. São Paulo: Arte Editorial, 2009. KORNFIELD, David. *Aprofundando a cura interior através de grupos de apoio*. São Paulo: Sepal, 2000.

LAMELA, Diogo Jorge Pereira do Vale. Desenvolvimento após o divórcio como estratégia de crescimento humano. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*, São Paulo, v. 19, n. 1, abr. 2009. Disponível em: <http://www.revistasusp.sibi.usp.br/scielo.php?pid=S0104-12822009000100012&script=sci_arttext>. Vários acessos.

LÓPEZ, Maricel Mena. Corpos (i)maculados: um ensaio sobre trabalho e corporeidade feminina no antigo Israel e nas comunidades afro-americanas. In: STRÖHER, Marga J.; DEIFELT, Wanda; MUSSKOPF, André S. (Orgs.). *À flor da pele: ensaios sobre gênero e corporeidade*. São Leopoldo: Sinodal, 2004.

LUTHER, Martin. *Luther's Commentary on Genesis*. Grand Rapids: Zondervan, 1958.

MALDONADO, Jorge E. *Crises e perdas na família*. Viçosa: Ultimato, 2005.

MINAYO, Maria C. S. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: MINAYO, A. C. *Pesquisa social: Teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 1993.

NORDSTOKKE, Kjell. Diaconia. In: SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph (Org.). *Teologia prática no contexto da América Latina*. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2005.

OLIVEIRA, Maria Luiza Silva; BASTOS, Ana Cecília de Sousa. Práticas de atenção à saúde no contexto familiar: um estudo comparativo de casos. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, Porto Alegre, v. 13, n. 1, 2000.

OLIVEIRA, Maria Luiza Silva; BASTOS, Ana Cecília de Sousa. Práticas de atenção à saúde no contexto familiar: um estudo comparativo de casos. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, Porto Alegre, v. 13, n. 1, 2000.

PARKES, Colin Murray. *Luto: estudo sobre a vida adulta*. São Paulo. Summus, 1998.

PINTO, Carla. Empowerment: uma prática do serviço social. In: PINTO, Carla. *Política social*. Lisboa: ISCSP, 1998.

PORTELA, Elizabeth Zekveld. *O “adorno” da mulher cristã: proibição ou privilégio?* Disponível em: <<http://solascriptura-tt.org/VidaDosCrentes/Comigo/AdornoMulherCrista-Elizabeth.htm>>. Acesso em: 26 fev. 2010.

QUEIROZ, Edison. Entrevista à Agência Soma, ano 2, n. 5, dez. 2005. Disponível em: <<http://www.agencia soma>>. Vários acessos.

ROCCA, Susana. *Sofrimento, resiliência e fé* (Org.). São Leopoldo: Sinodal, 2007.

ROPS, Henri Daniel. *A vida diária nos tempos de Jesus*. São Paulo: Vida Nova, 1983.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

SANTOS, Hugo N.; HOCH, Lothar C. *Dimensões do cuidado e aconselhamento pastoral: contribuições a partir da América Latina e do Caribe*. São Paulo: ASTE; São Leopoldo: CETELA, 2008.

SCHEUNEMANN, Arno. Crises pessoais: sua interface com as novas articulações sociais e o aconselhamento como empoderamento em redes sociais de apoio, significado, serviço e trabalho. In: SCHEUNEMANN, Arno. V.; HOCH, Lothar Carlos. (Orgs.). *Redes de apoio na crise*. São Leopoldo: EST/ABAC, 2003.

SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph. Aconselhamento Pastoral. In: SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph (Org.). *Teologia Prática no contexto da América Latina*. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2005.

SCHWARZ, Christian A. *O desenvolvimento natural da igreja*. Curitiba: Evangélica Esperança, 2003.

STRECK, Valburga Schimiedt; SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph. *Imagens da família: dinâmica, conflitos e terapia do processo familiar*. São Leopoldo: Sinodal, 1996.

STRECK, Valburga Schimiedt. *Terapia familiar e aconselhamento pastoral: uma experiência com famílias de baixos recursos*. São Leopoldo: Sinodal, 1999.

TEIXEIRA, Mirna Barros; LEÃO, Selma de Souza. *Empoderamento como estratégia de promoção da saúde no campo do envelhecimento*. Disponível em: <<http://www..sbgg-rj>>. Acesso em: 18 out. 2009.

VALLA, Victor Vincet. Redes sociais: poder e saúde à luz das classes populares numa conjuntura de crise. *Interface Comunicação, Saúde, Educação*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 7, p. 37-56, 2000.

VIDAL, Marciano. *Moral do matrimônio*. Petrópolis: Vozes, 1992.

WONG UN, Julio Alberto. *Visões de Comunidade na Saúde: comunalidade, interexistência e experiência poética*. 2002. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação ENSP-FIOCRUZ, Rio de Janeiro, 2002.

ZIKMUND, Barbara Brown; LUMMIS, Adair T.; CHANG, Patricia M. Y. *Clergy Women: An Uphill Calling*. Westminster: John Knox, 1998.

ANEXO A: Questionário para pastores

Questionário para pastores

01. Qual o nome da sua igreja?

02. Há quanto o senhor pastoreia a igreja?

03. Sua Igreja tem um programa ou departamento de apoio às mulheres separadas?

Sim Não

Qual

04. O senhor realiza casamento de pessoas divorciadas?

Sim Não

05. A igreja que o senhor pastoreia possui normas, regulamentos ou qualquer outro procedimento com relação ao recebimento na sua membresia de pessoas divorciadas ou separadas?

Sim Não

Caso sim especificar

ANEXO B: Questionário para as mulheres

Questionário para as mulheres

01. Há quanto tempo a senhora está separada do seu cônjuge?

02. Sua Igreja tem um programa ou departamento de apoio às mulheres separadas?

Sim Não

Qual?

03. Em uma escala de 1 a 5, sendo um quem mais lhe ofereceu apoio por ocasião da sua separação e 5 quem menos lhe apoiou, classifique na relação abaixo o apoio que você recebeu:

<input type="checkbox"/> Pai/mãe	<input type="checkbox"/> Amigos/amigas
<input type="checkbox"/> Parentes	<input type="checkbox"/> Irmãos/ irmãs da igreja
<input type="checkbox"/> Pastor	<input type="checkbox"/> Outros (especificar)_____

04. Você recebe pensão alimentícia ou qualquer tipo de ajuda do seu ex-cônjuge?

Sim Não

Especificar:

05. Quem tem a guarda dos filhos?

A senhora O ex-cônjuge Outro_____

06. Seus filhos apoiam uma nova relação conjugal da senhora?

Sim Não

07. Em sua opinião sua igreja apoia uma nova relação conjugal?

08. A senhora exerce alguma atividade remunerada?

Sim Não

Especificar _____

09. Qual o grau de escolaridade da senhora?

Ensino Fundamental Incompleto

Ensino Médio Completo

Ensino Fundamental Completo

Ensino Superior Incompleto

Ensino Médio Incompleto

Ensino Superior Completo